



Fundação Instituto de
Pesquisas Econômicas

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC
INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS – INEP

***PROJETO DE ESTUDO SOBRE AÇÕES DISCRIMINATÓRIAS NO ÂMBITO
ESCOLAR, ORGANIZADAS DE ACORDO COM ÁREAS TEMÁTICAS, A SABER,
ÉTNICO RACIAL, GÊNERO, ORIENTAÇÃO SEXUAL, GERACIONAL,
TERRITORIAL, DE NECESSIDADE ESPECIAIS E SOCIOECONÔMICA***

SUMÁRIO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

COORDENADOR RESPONSÁVEL: PROF. JOSÉ AFONSO MAZZON

SÃO PAULO

JUNHO DE 2009

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. OBJETIVOS DO ESTUDO	4
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	6
3.1. Detalhamento do Plano Amostral	6
3.2. Detalhamento da Construção dos Pesos	8
3.3. Detalhamento dos Instrumentos de Pesquisa	10
3.4. Detalhamento dos Procedimentos Adotados para os Trabalhos de Campo	15
3.4.1. Estrutura de Campo	16
3.4.2. Instrumentos de apoio para o trabalho de campo	17
3.4.3. Estratégia de coleta dos dados	17
3.4.4. Organização do trabalho de campo e treinamento	18
3.4.5. Conclusão dos trabalhos de campo	21
3.5. Detalhamento dos Procedimentos Utilizados na Estruturação dos Bancos de Dados e Microdados	22
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA	23
4.1. Caracterização da Amostra	23
4.2. Abrangência e Intensidade do Preconceito no Ambiente Escolar – Resultados Gerais	36
4.3. Abrangência e Intensidade da Distância Social no Ambiente Escolar – Resultados Gerais	37
4.4. Conhecimento de Práticas Discriminatórias (<i>Bullying</i>) no Ambiente Escolar – Resultados Gerais	39
4.5. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> no Ambiente Escolar por Público Alvo da Pesquisa	42
4.6. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> no Ambiente Escolar por Modalidade de Ensino	46

4.7. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> no Ambiente Escolar por Porte da Escola _____	51
4.8. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> no Ambiente Escolar por Localização da Escola (Urbana na capital, Urbana no interior e Rural) _____	58
4.9. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> no Ambiente Escolar por Acesso a Meios de Informação _____	64
4.10. Análises das Relações entre os tipos de Preconceito, Distância Social e Práticas Discriminatórias nas Escolas _____	69
4.11. Análise dos Fatores Associados ao Preconceito e à Discriminação no Ambiente Escolar _____	75
4.12. Relação entre os Resultados da Prova Brasil 2007 e os Níveis de Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> no ambiente escolar _____	83

1. INTRODUÇÃO

A Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – FIPE, vinculada à Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da Universidade de São Paulo (USP), firmou convênio com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (convênio nº 35/2008, celebrado em junho de 2008), para realizar o projeto de Estudo sobre Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar, organizadas de acordo com as áreas temáticas étnico racial, gênero, orientação sexual, geracional, territorial, pessoas com necessidades especiais (deficiência) e socioeconômica e para desenvolvimento de pesquisas de interesse recíproco, em regime de mútua cooperação, por meio da celebração de convênio.

2. OBJETIVOS DO ESTUDO

Define-se como **objetivo central** a ser alcançado com a realização do estudo quantitativo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar – organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, étnico racial, gênero, orientação sexual geracional, territorial, pessoas com necessidades especiais (deficiência) e socioeconômica – a mensuração de situações de discriminação no ambiente escolar, de forma a subsidiar a formulação de políticas e estratégias de ação que promovam, a médio e longo prazos, a redução das desigualdades em termos de resultados educacionais, o respeito e a própria educação para a diversidade. Foram abordados os seguintes públicos de escolas públicas estaduais e municipais, urbanas e rurais/do campo:

- i) Estudantes da penúltima série do ensino fundamental regular (7^a ou 8^a);
- ii) Estudantes da última série (3^a ou 4^a) do ensino médio regular;
- iii) Estudantes de EJA (2^o segmento do ensino fundamental e ensino médio);
- iv) Professores(as) do ensino fundamental e médio que lecionam português e matemática nas respectivas séries acima mencionadas;
- v) Diretores(as) de escolas;

- vi) Profissionais de educação que atuam nas escolas com a(s) série(s) acima mencionadas [secretária(o), porteira(o), orientador(a) educacional, merendeira(o) ou correlatos];
- vii) Pais, mães e responsáveis por alunos da(s) séries anteriormente referidas, que sejam membros do Conselho Escolar ou da Associação de Pais e Mestres.

Considerando os temas abordados no âmbito da pesquisa, a saber: (1) gênero, (2) étnico racial, (3) socioeconômico, (4) geracional, (5) portadores de necessidades especiais, (6) territorialidade e (7) orientação sexual, foram definidos como **objetivos específicos** a serem alcançados:

- a) Avaliar percepções quanto a situações de violência psicológica e física no âmbito escolar;
- b) Avaliar percepções quanto à incidência e intensidade de situações de discriminação de raça, de etnia, de gênero e de orientação sexual das diversas populações-alvo do estudo;
- c) Avaliar percepções de reconhecimento e respeito à diversidade.

Esta é uma pesquisa pioneira no campo da diversidade na educação brasileira e, portanto, teve por objetivo analisar de maneira global e coerente a incidência de preconceito e discriminação nas escolas públicas, de forma a descrever um quadro consolidado que sirva de linha de base para a avaliação de ações globais no sentido de transformar as escolas em um ambiente essencial ao estímulo à diversidade e à mitigação do preconceito e da discriminação, além de gerar importantes subsídios para o aprofundamento dos estudos relacionados a cada uma de suas áreas temáticas. Neste contexto, não foi objetivo desta pesquisa esgotar as questões e conceitos relativos a cada uma das áreas temáticas pesquisadas.

É importante notar também que a presente pesquisa produziu um banco de dados bastante vasto sobre os temas pesquisados. A dimensão deste banco de dados permitirá ampliar o conhecimento sobre os fenômenos de preconceito e discriminação nas escolas para as diversas áreas temáticas que compuseram a pesquisa para além do escopo

definido para este estudo, por meio da expansão posterior das análises através de novos estudos viabilizados pelas informações agora disponíveis.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Face à natureza da pesquisa – mensuração de crenças, atitudes e comportamentos comuns e específicos entre diferentes populações-alvo – foi definido o emprego do método de pesquisa *survey* – com realização anterior de oficinas para discussão das questões afetas à pesquisa e revisão de literatura temática específica – envolvendo a construção de cinco instrumentos de coleta de dados que foram respondidos pela técnica de auto-preenchimento, sob a coordenação de pesquisador qualificado junto às unidades de observação (respondentes) associadas às unidades amostrais (escolas de redes públicas estaduais e municipais, urbanas e rurais, de todas as unidades federativas).

3.1. Detalhamento do Plano Amostral

O tamanho planejado da amostra foi de 500 escolas, que proporciona um erro amostral inferior a 4,5%, com nível de confiança de 95%, nas estimativas em nível nacional. A seleção da amostra respeitou a proporcionalidade das matrículas por região demográfica, localização da escola (capital e não-capital) e nível/modalidade de ensino (EFR, EMR e EJA), de acordo com o Censo Escolar 2007, mas com a restrição de se ter o mínimo de seis escolas em cada célula. Para as escolas rurais foram especificadas seis escolas por região demográfica. Assim, o tamanho da amostra para cada estrato está apresentado na Tabela 1.

**Tabela 1 – Distribuição da amostra de escolas públicas
do EF, EM e EJA nas séries-alvo**

Região	Capitais de UFs			Não-Capitais de UFs			Rural
	EFR	EMR	EJA	EFR	EMR	EJA	
Norte	6	6	7	8	8	11	6
Nordeste	7	8	12	30	29	37	6
Centro-Oeste	6	6	6	8	6	10	6
Sudeste	13	11	17	49	40	63	6
Sul	6	6	6	20	15	13	6
Total	38	37	48	115	98	134	30

A seleção de escolas foi efetuada considerando-se o critério PPT – Probabilidade Proporcional ao Tamanho, em função do número de matrículas de cada escola por região/localização/níveis-modalidades de ensino. Desse modo, a probabilidade de seleção de uma escola era proporcional ao número de matrículas do nível/modalidade. Ressalte-se que em cada escola selecionada entrevistou-se o diretor ou coordenador de ensino, uma turma de alunos sorteada dentre as existentes na série-alvo, dois professores (de português e matemática que lecionam para a turma sorteada), dois funcionários e dois pais de alunos, sempre relativos ao nível/modalidade em que a escola foi sorteada. Se a escola foi selecionada em duas modalidades, o número de entrevistas deveria dobrar, exceto no caso do diretor. A Tabela 2 apresenta o número de respondentes por população-alvo.

Tabela 2 – Amostra de respondentes por população-alvo

População	Nº de casos (n)	
	Previsto	Realizado
Diretores	500	501
Funcionários	1.000	1.005
Professores	1.000	1.004
Alunos	15.000	15.087
Pais de alunos	1.000	1.002

Nas escolas que funcionam em dois ou mais turnos de trabalho, houve um estágio adicional de seleção, que compreendeu a seleção do turno e, em seguida, da turma de alunos. A totalidade dos alunos presentes no dia da coleta de dados na classe sorteada compôs a amostra pesquisada. Observa-se, também, que o número real de escolas pesquisadas, conforme previsto no plano amostral foi de $n = 501$, pois uma escola foi sorteada nas modalidades Fundamental e EJA.

3.2. Detalhamento da Construção dos Pesos

Descrevem-se, a seguir, os critérios utilizados na construção dos pesos de cada público-alvo, considerando os diferentes estratos amostrais.

1. A amostra final de referência à escola corresponde ao arquivo de diretor (Diretor.sav), totalizando 501 escolas pesquisadas, considera os 35 estratos amostrais, conforme tabela a seguir:

Tabela 3 – Descrição dos 35 estratos considerados no estudo

Região	Capitais de UFs			Não Capitais de UFs			Rural
	EFR	EMR	EJA	EFR	EMR	EJA	
Norte	N1	N2	N3	N4	N5	N6	N7
Nordeste	NE1	NE2	NE3	NE4	NE5	NE6	NE7
Centro-Oeste	CO1	CO2	CO3	CO4	CO5	CO6	CO7
Sudeste	SE1	SE2	SE3	SE4	SE5	SE6	SE7
Sul	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7

2. As escolas foram alocadas em cada um dos estratos considerados e selecionadas de acordo com a técnica amostral denominada PPT – Probabilidade Proporcional ao Tamanho –, na qual a probabilidade de seleção de uma escola é proporcional à quantidade de matrículas nas séries-alvo em cada uma delas.
3. Uma escola da amostra faz parte de duas modalidades (Fundamental e EJA), portanto compõe dois estratos diferentes em termos de alunos (N1 e N6). Para

diretor, professor e funcionário ela será considerada no estrato N6, no qual tem um número maior de alunos.

4. Pesos para Diretor: Cada uma das 501 escolas recebeu como peso a quantidade $M_{oh}/(n_h \times M_{hi})$, onde M_{oh} é o total das matrículas do estrato h , $h=1, 2, \dots, 35$, no qual a escola foi alocada, M_{hi} é a matrícula na escola i do estrato h e n_h é o número de escolas amostradas no estrato h .
5. Pesos para Funcionários: Cada uma das 500 escolas (somente uma escola não teve funcionário respondendo ao questionário) recebeu os pesos, como definido no plano amostral, multiplicados por $1/n_{hi}$, onde n_{hi} é o número de funcionários amostrado na escola i do estrato h . A definição desse peso levou em conta o fato de não se ter previamente o número de funcionários nas escolas amostradas. Com esse peso, o que se está considerando é uma resposta média para cada escola amostrada ou ainda que, independente da escola, os funcionários foram selecionados com a mesma probabilidade.
6. Pesos para Professores: Cada uma das 501 escolas recebeu os pesos, como definido no plano amostral, multiplicados por $1/n_{hi}$, onde n_{hi} é o número de professores amostrado na escola i do estrato h . A definição desse peso levou em conta o fato de não se dispor previamente do número de professores nas escolas amostradas. Com esse peso, o que se está considerando é uma resposta média para cada escola amostrada ou ainda que, independente da escola, os professores foram selecionados com a mesma probabilidade.
7. Pesos para Pais: Cada uma das 497 escolas, que tiveram pais/mães que responderam ao questionário, recebeu os pesos, como definidos no plano amostral, multiplicados por $1/n_{hi}$, onde n_{hi} é o número de pais amostrado na escola i do estrato h . A definição deste peso levou em conta o fato de não se ter previamente o número de pais nas escolas amostradas. Com esse peso, o que se está considerando

é uma resposta média para cada escola amostrada ou ainda que, independente da escola, os pais foram selecionados com a mesma probabilidade.

8. Pesos para Alunos: Cada uma das 502 escolas – como já referido no item 3, uma escola foi considerada em dois estratos diferentes – recebeu como peso a quantidade $M_{oh}/(n_h \times n_{hi})$, onde M_{oh} é o total das matrículas do estrato h , $h=1, 2, \dots, 35$, no qual a escola foi alocada, n_h é o número de escolas amostradas no estrato h e n_{hi} é o número de alunos amostrados na escola i do estrato h . A seleção de alunos foi considerada como proporcional ao número de alunos na escola nas séries-alvo do estudo.

Os pesos foram considerados em termos do resultado das expressões matemáticas acima mencionadas. Contudo, em todos os públicos, eles podem ser padronizados para algum total, bastando, para isso, dividi-los pela sua soma e multiplicar o resultado pelo valor desejado. Vale ressaltar que essa transformação nos pesos não altera as estimativas desejadas. Em outras palavras, em termos de estimativas pontuais não há necessidade de se efetuar qualquer transformação nos pesos.

3.3. Detalhamento dos Instrumentos de Pesquisa

O MEC/INEP, com o apoio do Cedeplar/UFMG e de especialistas em psicometria e da área educacional, elaborou a primeira versão dos cinco questionários, um para cada uma das populações-alvo da pesquisa. A FIPE organizou as perguntas dos questionários considerando os seguintes blocos de assuntos:

Blocos/Assuntos	Denominação
1	Questões sobre exposição à mídia por parte dos respondentes
2	Questões sobre hábitos de lazer
3	Questões sobre escala de distância social
4	Questões sobre crenças e atitudes

- 5 Questões sobre o conhecimento de práticas discriminatórias (*bullying*)
- 6 Questões sócio-demográficas

Para a elaboração das cinco versões de questionário do teste piloto – uma para cada população-alvo – foram adotados diversos procedimentos metodológicos, a saber:

- a) utilização dos subsídios gerados pela pesquisa qualitativa, em termos de valores, crenças, atitudes e comportamentos;
- b) revisão de literatura de estudos e pesquisas realizadas nas áreas temáticas de preconceito e discriminação no ambiente escolar, visando coletar subsídios para a estruturação das questões;
- c) emprego de questões comuns a todos os públicos (técnica de superposição de assuntos homogêneos) e de questões específicas por população-alvo;
- d) agregação das questões em blocos de assuntos de mesma natureza, de forma a possibilitar uma melhor organização lógica dos questionários e facilitar a coleta dos dados ou exteriorização das idéias por parte dos respondentes;
- e) emprego de questões fechadas, de modo a possibilitar a uma análise estatística em termos de escalas objetivas de mensuração;
- f) utilização preferencial de escalas assumidas intervalares, mais poderosas para efeito de tratamento e análise estatística de dados;
- g) colocação de orientações-chave aos pesquisadores de campo e das instruções de pulo entre questões.

As primeiras versões dos questionários foram submetidas a um teste piloto pela equipe da FIPE e discutidas com representantes do MEC/INEP e consultores externos, de forma a possibilitar a mensuração adequada dos diversos objetivos fixados para a pesquisa. Esse teste visou avaliar:

- a reação dos entrevistados à pesquisa;
- a compreensão das perguntas;
- a necessidade de desmembramento de questões;

- a adequação das escalas de mensuração utilizadas;
- o seqüenciamento das perguntas;
- o tempo de coleta dos dados, dentre outros aspectos.

O teste piloto foi aplicado em uma amostra de 12 escolas públicas localizadas em 5 estados brasileiros, a saber: Norte (Pará); Nordeste (Bahia); Centro-Oeste (Goiás); Sudeste (São Paulo); Sul (Rio Grande do Sul). A seleção dessas escolas foi feita pela equipe técnica da FIPE, conforme plano de trabalho aprovado pelo MEC/INEP.

Os questionários foram digitados e processados de forma a analisar a validade e a confiabilidade das escalas empregadas. Em função dessa análise, foram elaboradas as versões finais dos questionários de pesquisa, as quais foram devidamente aprovadas pelo MEC/INEP, para posterior início das atividades de coleta dos dados.

O foco central da pesquisa refere-se ao uso conjunto de três conceitos fundamentais: (1) as crenças, atitudes e valores que expressam preconceito; (2) a distância social medida pela escala de *Bogardus*; e (3) o conhecimento de práticas discriminatórias no ambiente escolar (*bullying*).

Em relação à medida de crenças, atitudes e valores que expressam preconceito, os questionários consideraram um conjunto de 83 frases relacionadas às 7 áreas temáticas de preconceito e discriminação do estudo.

Estas frases foram estruturadas através de um escala ordinal do tipo *Likert* de quatro pontos. As frases representam afirmações cujas respostas correspondem ao nível de concordância com cada afirmação como descrito a seguir:

- (1) Discordo Muito;
- (2) Discordo Pouco;
- (3) Concordo Pouco;
- (4) Concordo Muito.

Para melhor compreensão dos resultados, as variáveis resultantes das respostas a essas afirmações foram transformadas em um índice percentual de concordância

(IPC%), variando entre 0 e 100 para cada item do questionário referente às atitudes do respondente.

O segundo conjunto de frases compreende os itens dos questionários que utilizam a escala de *Bogardus* para a mensuração da distância social do respondente em relação a pessoas dos grupos sociais pesquisados (negros, índios, ciganos, pobres, homossexuais, moradores da periferia/favela, moradores de áreas rurais, pessoas com necessidades especiais de natureza física e mental). A referida escala tem por objetivo medir empiricamente a predisposição do respondente em estabelecer contatos sociais em diferentes níveis de proximidade com membros desses grupos.

Esta escala corresponde a um tipo específico de escala acumulativa (escala de *Guttman*), pois cada afirmação selecionada incorpora a idéia da afirmação anterior. Ela consiste de um conjunto de afirmações que podem ser ordenadas partindo de uma posição menos extrema até uma posição mais extrema, de forma que o padrão de resposta possa ser expresso através de um único índice que represente toda a escala ordenada.

Neste estudo, essa escala foi utilizada para verificar a distância social de cada respondente em relação aos diversos grupos sociais pesquisados. Por exemplo, em relação a uma pessoa pobre e considerando os públicos do corpo técnico e de funcionários da escola, foi solicitado que os respondentes assinalassem apenas a frase com a qual concordassem com maior intensidade dentre as listadas a seguir:

- a) Aceitaria como aluno(a) da escola.
- b) Aceitaria que meu(minha) filho(a) se casasse com ele(a).
- c) Aceitaria que estudasse em minha casa com meu(minha) filho(a).
- d) Aceitaria que meu(minha) filho(a) namorasse com ele(a).
- e) Aceitaria como colega de trabalho na escola.
- f) Aceitaria como aluno(a) na minha sala de aula.

Essas frases foram então reordenadas para refletir a posição de aceitação do ponto mais extremo da escala para o menos extremo, conforme apresentado a seguir:

- 1 Aceitaria que meu(minha) filho(a) se casasse com ele(a).
- 2 Aceitaria que meu(minha) filho(a) namorasse com ele(a).
- 3 Aceitaria que estudasse em minha casa com meu(minha) filho(a).
- 4 Aceitaria como colega de trabalho na escola.
- 5 Aceitaria como aluno(a) na minha sala de aula.
- 6 Aceitaria como aluno(a) da escola.

O conceito subjacente a essa escala é o de que se o respondente concorda mais fortemente com a frase em que ele aceitaria que seu filho se casasse com uma pessoa pobre há menor distância social entre o respondente e essa pessoa, então ele automaticamente aceita as demais frases, ou seja, apresenta menor distância em relação a esse grupo social dentre as situações apresentadas, recebendo o menor valor para a escala (1). Por outro lado, se a frase com a qual ele concorda com maior intensidade é que ele aceitaria essa pessoa pobre como aluno da escola, pressupõe-se que não aceitaria as cinco demais situações e, portanto, o respondente apresenta a maior distância em relação a esse grupo social, sendo atribuído o maior valor para a escala de distância social (6).

A partir desse conceito foram criados nove indicadores que contém os escores dessa escala para os nove conjuntos de frases contidas no questionário, com valores possíveis entre 1 (comportamento menos discriminatório) a 6 (comportamento mais discriminatório). Para melhor compreensão dos resultados, as variáveis de distância social foram transformadas em um índice percentual de distância social (IPCD%), variando de 0 a 100 para cada uma das nove variáveis, de forma a permitir a comparabilidade com os resultados das medidas de preconceito.

O terceiro conjunto de frases relaciona-se com o conhecimento da existência de situações de humilhação, agressão física, acusação injusta e outras situações presenciadas na escola em função do pertencimento aos seguintes grupos sociais: negros, índios, ciganos, pobres, homossexuais, moradores da periferia/favela, moradores de áreas rurais, pessoas com necessidades especiais de natureza física e mental, idosos e mulheres.

Essas frases foram estruturadas através de um escala ordinal de três pontos que mede o grau de conhecimento de cada respondente acerca da ocorrência de situações de *bullying* motivadas pelo pertencimento das vítimas aos 11 grupos sociais mencionados acima. A escala utilizada para medir o conhecimento sobre essas situações é a seguinte:

- (1) Nem vi, nem soube que aconteceu nesta escola;
- (2) Não vi, mas soube que aconteceu nesta escola;
- (3) Vi nesta escola.

Com o propósito de facilitar a compreensão e a comparabilidade dos resultados com os escores relativos às demais dimensões (atitudes e distância social) foram criados escores para cada grupo social a partir da média dos valores medidos em cada frase, variando entre 0 e 100.

Um ponto importante no processo de construção do instrumento de pesquisa foi a formulação de perguntas que expressassem estes três conceitos (atitudes, distância social e conhecimento de situações de *bullying*) tendo como ponto de partida o universo cognitivo dos potenciais respondentes. As frases que denotam estes conceitos nos instrumentos utilizados foram construídas a partir das mesmas expressões e frases utilizadas pelas pessoas participantes durante os *focus groups* realizados na etapa qualitativa. Este procedimento teve por objetivo garantir que as perguntas que compuseram o instrumento fizessem parte deste universo cognitivo, facilitando a sua compreensão pelos respondentes da pesquisa

3.4. Detalhamento dos Procedimentos Adotados para os Trabalhos de Campo

Os principais procedimentos metodológicos desta fase de coleta e crítica de dados são apresentados a seguir:

- a) realização do treinamento de supervisores e de pesquisadores de campo: teve por propósito apresentar os objetivos do estudo, a metodologia a ser empregada, os procedimentos de amostragem, a organização do trabalho de campo, a discussão de cada uma das perguntas dos questionários, a forma de abordagem e de aplicação por auto-preenchimento dos questionários e principalmente a postura que deveria

ser adotada visando minimizar possíveis vieses de mensuração. Foi feita ampla discussão dos procedimentos propostos, esclarecendo-se as dúvidas existentes e reforçando os pontos principais para a coleta dos dados;

- b) a totalidade dos questionários foi submetida à verificação de qualidade pela equipe de supervisão de campo, avaliando-se o preenchimento dos questionários e o Boletim de Ocorrência. A verificação e crítica dos questionários foram feitas tanto pela supervisão de cada estado quanto pela supervisão geral em São Paulo;
- c) após a aprovação dos questionários nessa fase, os mesmos foram digitados por uma equipe especializada, utilizando-se o sistema de dupla digitação independente (em dois microcomputadores), em um sistema de entrada de dados desenvolvido especialmente para essa pesquisa;
- d) em seguida, por meio de outro programa, foi efetuada a consistência dos dados, tanto em termos de divergência de dados digitados (por meio do batimento dos vetores dos dados digitados nos dois microcomputadores) quanto de parâmetros lógicos relativos às perguntas dos questionários (pulos, relações entre variáveis etc.).

Com a finalização da consistência dos dados, foi estruturado o banco mestre de dados para cada tipo de questionário elaborado, de forma a possibilitar o relacionamento entre os bancos de dados de cada população-alvo, além de um banco único de dados considerando questões comuns aos públicos-alvo pesquisados.

3.4.1. Estrutura de Campo

A coleta de dados foi feita utilizando-se um sistema misto de gestão: descentralizado por unidade federativa para efeito de supervisão de campo e aplicação dos questionários, e centralizado em São Paulo para efeito de crítica final de dados, digitação, consistência e montagem dos bancos de dados.

Face à natureza, dimensão e complexidade do projeto e à experiência acumulada da equipe técnica da FIPE em projetos de pesquisas educacionais de campo de grande

envergadura, elaborou-se uma estrutura organizacional visando atender aos parâmetros de eficácia e eficiência requeridos pelo projeto.

3.4.2. Instrumentos de apoio para o trabalho de campo

De modo a tornar mais focado o processo de coleta de dados, os instrumentos de pesquisa foram estruturados por natureza de blocos de assuntos. Três tipologias básicas de blocos foram estruturadas nos questionários:

- a de questões de caracterização do estilo de vida dos respondentes (exposição à mídia, hábitos de lazer, caracterização sócio-demográfica e questões escolares);
- a de questões de valores, crenças e atitudes em relação a preconceito e discriminação;
- a de práticas discriminatórias no ambiente escolar (escala de *Bogardus*);
- a de práticas de *bullying* nas escolas.

Adotou-se o uso de das logotípias das instituições envolvidas no estudo (MEC/INEP e FIPE), com o objetivo de impactar positivamente os respondentes dos questionários, procurando criar um clima propício à cooperação e de seriedade/responsabilidade social na coleta de dados.

3.4.3. Estratégia de coleta dos dados

Para a realização das atividades de coleta de dados, o pesquisador de campo, além do crachá de identificação com os logotipos da FIPE, estava de posse de uma carta de apresentação para mostrar às pessoas que iriam responder o questionário, descrevendo o objetivo do estudo e esclarecendo que o mesmo estava sendo feito em todo o Brasil. Constavam os números de telefone, *fax* e *e-mail* da equipe de coordenação da pesquisa através dos quais, se respondentes desejassem, poderiam obter qualquer informação adicional. A carta realçava a relevância e amplitude do estudo (cerca de 18.500 questionários de pesquisa aplicados em todo o Brasil), valorizando a importância das informações coletadas para a formulação de políticas públicas

educacionais e sociais e o papel central do respondente no fornecimento de informações fidedignas.

Os pesquisadores de campo, após passarem pelo programa de treinamento, abordaram as unidades de observação (diretores, professores, funcionários, alunos e pais de alunos), apresentando-se:

- a) devidamente trajados e asseados;
- b) com o crachá de identificação da FIPE fixado de forma visível;
- c) com a pasta com as logotípias já mencionadas para acondicionamento de todos os materiais de pesquisa;
- d) com a carta de apresentação da FIPE e cópia da carta de apresentação do MEC/INEP, explicando o objetivo e importância da pesquisa, bem como o papel relevante do respondente no fornecimento fidedigno dos dados solicitados. O pesquisador também portava cópia da carta do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, que aprovou a realização deste estudo desde a etapa qualitativa.

3.4.4. Organização do trabalho de campo e treinamento

A pesquisa abrangeu unidades de observação situadas em escolas de todas as unidades da federação, de diferentes níveis/modalidades de ensino (7ª série do EFR, 3ª série do EMR e 2º ciclo do EF e ensino médio do EJA), localização (urbana e rural) e dependência administrativa (estadual e municipal). Pela sua complexidade e dimensão foi um trabalho que exigiu organização e um detalhado planejamento de todas as etapas e fases do trabalho de campo.

A estrutura organizacional do trabalho de campo foi composta:

- pela coordenação nacional de Levantamento e Crítica de Dados, sediada em São Paulo;
- pelas supervisões estaduais de campo, as quais tiveram sob sua responsabilidade o gerenciamento da coleta de dados nas respectivas unidades federativas;

- por uma equipe de pesquisadores de campo, recrutados em cada estado, a qual era responsável pela aplicação dos instrumentos de coleta de dados.

O treinamento dos pesquisadores foi feito por profissionais da equipe técnica da FIPE. Mesmo sendo os pesquisadores de campo pessoas com experiência em pesquisas no ambiente escolar, o treinamento foi fundamental para simular condições em que o trabalho deveria ocorrer. Isso foi relevante tendo em vista que possibilitou a homogeneização de procedimentos e transmitiu experiências de forma a ter-se ganhos de eficiência no processo de coleta dos dados e na qualidade do relacionamento interpessoal com os respondentes. Somente depois desse treinamento e ampla discussão dos procedimentos metodológicos e dos questionários é que os pesquisadores de campo foram realizar efetivamente o trabalho de aplicação dos questionários de auto-preenchimento por parte dos respondentes.

De forma a possibilitar um acompanhamento permanente das atividades de campo, garantindo a qualidade dos dados coletados, uma equipe volante de supervisores realizou visitas aos estados, avaliando e reorientando os trabalhos em execução, além de efetuar a crítica de dados e esclarecer eventuais dúvidas porventura existentes.

Os supervisores estaduais receberam um mapa de seus respectivos estados, com a identificação dos municípios que seriam pesquisados, além das listagens de controle da amostra de escolas.

Cabe ressaltar um aspecto de elevada importância: a equipe de supervisão de campo de São Paulo e as supervisões estaduais realizaram um intenso *approach* junto ao diretor das escolas amostradas no sentido de sensibilizá-lo para a relevância da pesquisa. Com essa sensibilização, os diretores puderam solicitar aos seus professores, funcionários, alunos e pais de alunos que não faltassem na data agendada para a aplicação dos questionários. Assim, mesmo considerando o difícil período de coleta dos dados – novembro e dezembro de 2008 – quando alunos aprovados já começam a faltar às aulas, os alunos potencialmente reprovados já não sentem estímulo para ir à escola e professores que não faltaram deixam de lecionar em algum dia, os resultados quanto à

presença de todos os públicos-alvo foi extremamente satisfatório, mostrando a importância da ação empreendida pela equipe de supervisão.

A Coordenação de Levantamento e Crítica de Dados, com apoio das demais coordenações técnicas, planejou e executou o programa de treinamento dos supervisores estaduais de campo e pesquisadores, onde se discutiu detalhadamente os objetivos da pesquisa, a amostragem, a estrutura, a forma de aplicação e de preenchimento dos questionários, o trabalho de coleta e crítica dos dados, bem como os procedimentos administrativos inerentes à realização de um trabalho dessa natureza.

O treinamento dos pesquisadores foi feito por técnicos da Coordenação de Levantamento e Crítica de Dados por grupos de capitais das unidades federativas. Ainda que os supervisores e pesquisadores de campo selecionados para a realização da coleta de dados nas escolas fossem experientes, a quase totalidade deles tendo trabalhado em pesquisas anteriormente realizadas dentro do âmbito da FIPE na área educacional, mesmo assim o programa de treinamento previu a realização de exercícios práticos e simulação das condições em que o trabalho iria ocorrer. Isso se deu por meio da realização de um programa de treinamento bi-etápico, composto por:

- 1ª sessão: treinamento quanto aos objetivos da pesquisa, procedimentos de amostragem, forma de abordagem, discussão das perguntas dos questionários da pesquisa, procedimentos administrativos de campo, contato com supervisão, dentre outros aspectos. Após esse treinamento, realizado em grupos de capitais de unidades federativas, equipes de pesquisadores de campo fizeram a aplicação em uma escola, de modo a familiarizar-se com os procedimentos metodológicos e identificar problemas na coleta dos dados;
- 2ª sessão: após a aplicação dos questionários em uma escola por grupos de pesquisadores de campo, os mesmos retornaram para discussão com o supervisor de campo para dirimir eventuais problemas ou dúvidas porventura existentes. Somente após esse segundo treinamento é que os pesquisadores de campo se deslocaram para o interior dos estados.

O programa de treinamento permitiu uma ampla discussão dos questionários face às experiências acumuladas em trabalhos anteriormente realizados, permitindo assim homogeneizar procedimentos e transmitir experiências de forma a ter-se ganhos de eficiência no processo de coleta dos dados e na qualidade do relacionamento interpessoal com os responsáveis pelas escolas amostradas e com as respectivas unidades de observação pesquisadas. Somente depois desse treinamento e ampla discussão das experiências é que os pesquisadores foram realizar efetivamente o trabalho de campo.

A FIPE deseja ressaltar que as atividades de organização do trabalho de campo, dos treinamentos realizados, dos sistemas de apoio implementados e o perfil da equipe que trabalhou na coleta dos dados da pesquisa, permitiram a montagem de uma verdadeira linha de produção, assegurando com isso que a pesquisa foi desenvolvida dentro de elevados padrões de qualidade.

Para a realização dos trabalhos de campo foram selecionados e treinados 185 pesquisadores e 18 supervisores, exclusive a equipe central de São Paulo. Destaca-se que alguns treinamentos foram realizados em grupos de capitais de unidades federativas.

3.4.5. Conclusão dos trabalhos de campo

Face às dificuldades encontradas no teste piloto, a equipe técnica da FIPE adotou uma série de providências, de modo a evitar que o absenteísmo de alunos no período de coleta dos dados (novembro e dezembro de 2008) prejudicasse a coleta dos dados. Esse absenteísmo se justificaria por diferentes situações relativas a esse período letivo (aluno que já “passou de ano”, aluno que “acha que não ia passar de ano”, aluno que nunca faltou e aproveita para faltar nas últimas semanas de aula etc.).

Muitos contatos foram feitos com os dirigentes das escolas amostradas conscientizando-os da relevância da pesquisa, de precisar com exatidão a data de realização da pesquisa na escola, da importância do Diretor informar aos professores,

funcionários, alunos e pais de alunos para que todos estivessem presentes no dia e hora fixados para a aplicação dos questionários.

Esse procedimento, checado diversas vezes pela equipe técnica e de campo da FIPE (para saber se o Diretor avisou os alunos, pais, professores e funcionários, se confirmou a presença no dia agendado, se explicou o motivo da pesquisa etc.), levou a um elevado sucesso no processo de coleta dos dados.

3.5. Detalhamento dos Procedimentos Utilizados na Estruturação dos Bancos de Dados e Microdados

Com a finalização da etapa de levantamento dos dados, a equipe técnica e de campo da FIPE efetuou a verificação e crítica da totalidade questionários respondidos; digitação dos dados, em *software* desenvolvido especificamente para a entrada dos dados coletados; correção das inconsistências entre as digitações e as respostas originais dos questionários, constituindo as bases de dados e preparação do relatório das atividades de constituição da base de dados, descrevendo o plano de entrada, verificação e crítica dos dados, estrutura e organização dos trabalhos, problemas porventura ocorridos durante esta etapa e as soluções aplicadas.

Após esse conjunto de procedimentos foram então formados os arquivos-mestre de dados, para efeito de processamento e análise dos bancos de dados e elaboração dos relatórios de resultados.

Concluindo, a qualidade no processo de digitação e consistência dos dados levou à eliminação de questionários julgados de baixa qualidade no preenchimento, principalmente em termos de número excessivo de *missing values* e de respostas sistematizadas em um único ponto da escala de avaliação.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A partir dos dados coletados junto às 501 escolas, reunindo informações sobre 501 diretores, 1.005 professores, 1.004 funcionários, 15.087 alunos, e 1.002 pais/mães de alunos, foi organizado um banco de dados contendo 324 variáveis para o seu posterior processamento e análise.

Utilizando essa base de dados, procedeu-se à análise dos resultados da pesquisa, com o intuito de caracterizar a amostra do estudo em função do perfil demográfico de seus respondentes, descrever os comportamentos, atitudes, crenças e valores dos respondentes acerca dos diversos aspectos pesquisados que compõem as áreas temáticas de preconceito e discriminação abordadas neste estudo (étnico racial, necessidades especiais, gênero, geracional, socioeconômica, territorial e orientação sexual).

4.1. Caracterização da Amostra

A caracterização da amostra consistiu na análise de tabelas de resultados para cada uma das perguntas constantes do questionário referentes às características e ao perfil demográfico dos respondentes, através de frequências relativas comparando-se os resultados da pesquisa entre os diferentes públicos-alvo do estudo (diretores, professores, funcionários, alunos e pais/mães), considerando questões como o acesso à mídia e a meios de informação, religião, região do país em que mora o respondente, cor/etnia, sexo, faixa etária, dentre outras.

A tabela a seguir oferece informações agrupadas contendo a descrição dos públicos-alvo de acordo com a Unidade da Federação e a região da escola pesquisada. Como se pode verificar, a distribuição é exatamente igual para diretores, professores, funcionários, pais/mães e muito próximas para os alunos, em virtude de a unidade amostral ser a escola, e do fato de que a seleção respeitou a proporcionalidade por região demográfica, conforme descrito no plano amostral.

A região Sudeste é a que possui o maior percentual de respondentes, com cerca de 35% do total para diretores, professores, funcionários e pais/mães e 41% para os alunos, seguida da região Nordeste (32% e 30%), Sul (15% e 12%), Norte (11% e 10%) e Centro-Oeste com pouco mais de 7% para todos os públicos. Entre as Unidades da Federação, São Paulo é o que apresenta o maior percentual de respondentes (15% e 21%), seguido de Minas Gerais (12% e 13%), Bahia (9% e 7%), Rio Grande do Sul (8% e 6%), Rio de Janeiro e Ceará, ambos com pouco mais de 5% para todos os públicos.

Tabela 4 – Distribuição dos respondentes por UF e região do país (%)

Região	UF	Diretores n= 501	Professores n= 1.005	Funcionários n= 1.004	Alunos n= 15.087	Pais/Mães n= 1.002
Norte	PA	4,6	4,6	4,6	3,8	4,6
	RO	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8
	AM	1,5	1,5	1,5	1,0	1,5
	TO	1,3	1,3	1,3	1,2	1,3
	RR	0,8	0,8	0,8	0,6	0,8
	AP	0,6	0,6	0,6	1,4	0,6
	Total		10,6	10,6	10,6	9,8
Nordeste	BA	8,7	8,7	8,7	7,4	8,7
	CE	5,4	5,4	5,4	5,1	5,2
	PB	5,2	5,2	5,3	4,0	5,3
	MA	3,7	3,7	3,7	3,9	3,7
	RN	3,5	3,5	3,5	2,8	3,5
	PE	2,8	2,8	2,7	3,6	2,8
	PI	1,9	1,9	1,9	2,0	1,9
	AL	0,6	0,6	0,6	0,8	0,6
	SE	0,1	0,1	0,1	0,2	0,1
	Total		32,0	32,0	31,9	29,8
Sudeste	SP	14,8	14,8	14,9	20,8	14,8
	MG	12,2	12,2	12,3	12,6	12,3
	RJ	5,3	5,3	5,3	5,4	5,3
	ES	2,8	2,8	2,8	1,9	2,8
	Total		35,2	35,2	35,2	40,8
Sul	RS	8,0	8,0	8,0	6,3	8,0
	SC	3,6	3,6	3,7	3,2	3,7
	PR	3,3	3,3	3,4	2,8	3,4
	Total		15,0	15,0	15,0	12,3
Centro-Oeste	MT	3,7	3,7	3,7	2,7	3,7
	GO	1,9	1,9	1,9	2,4	1,9
	MS	1,6	1,6	1,6	1,8	1,6
	DF	0,1	0,1	0,1	0,5	0,1
	Total		7,3	7,3	7,3	7,3
Total		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

No tocante à estrutura etária dos respondentes, verifica-se entre os diretores de escola um predomínio de respondentes que possuem mais de 40 anos de idade (aproximadamente 70% da amostra), dos quais 66% apresentam idades entre 40 e 59 anos de idade. Cerca de um quarto dos respondentes desse grupo possui entre 30 e 39 anos de idade, enquanto que apenas 6,8% têm menos de 30 anos de idade.

Os professores, conforme esperado, apresentam uma estrutura etária um pouco mais jovem, com maior participação de indivíduos que possuem menos de 40 anos de idade (54,4%), dos quais 36,6% apresentam idades entre 30 e 39 anos e cerca de 20% entre 20 e 29 anos de idade.

Entre os funcionários, pouco mais de 50% dos respondentes possui mais de 40 anos de idade, enquanto que cerca de 30% possui entre 30 e 39 anos de idade e 16,8% entre 20 e 29 anos de idade. É interessante notar que entre estes respondentes existem 0,5% de indivíduos com idades inferiores a 20 anos de idade.

Entre os públicos de pessoas que trabalham na escola é pequena a participação de respondentes com 60 ou mais anos de idade, não ultrapassando 3,5% do total, conforme observado entre os funcionários. Também entre os pais e mães de alunos pesquisados, é pequena a participação de respondentes com mais de 60 anos, que representam 2,3% do total de respondentes nesse público. Esses, juntamente com os mais de 50% de respondentes entre 40 e 59 anos, fazem com que a maioria dos pais e mães (cerca de 55%) tenham mais de 40 anos de idade. Em seguida, com cerca de 40% dos respondentes estão os pais e mães com idades entre 30 e 39 anos de idade, enquanto que os bastante jovens, com menos de 20 anos representam cerca de 6,1% da amostra relativa a este público.

Os alunos com menos de 20 anos representam 70% da amostra. Entre os cerca de 30% de alunos com 20 anos ou mais, 16,2% possuem menos de 30 anos, 8% possuem entre 30 e 39 anos e aproximadamente 6% possuem 40 anos ou mais.

Tabela 5 – Distribuição dos respondentes por faixa etária (%)

Faixa Etária	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Até 14 anos	-	-	-	25,6	-
Entre 15 e 19 anos	-	-	0,5	44,5	-
Entre 20 e 29 anos	6,8	17,8	16,8	16,2	6,1
Entre 30 e 39 anos	24,5	36,6	29,5	8,0	39,3
Entre 40 e 59 anos	66,0	44,5	49,7	5,3	52,4
60 anos ou mais	2,7	1,0	3,5	0,4	2,3

Em todos os públicos-alvo da pesquisa a participação de respondentes do sexo feminino supera a dos participantes do sexo masculino. No entanto, essa diferença, como esperado, é menor entre os alunos que responderam à pesquisa, dos quais pouco mais da metade (55,9%) correspondem a pessoas do sexo feminino.

Entre os profissionais da escola – diretores, professores e funcionários –, a participação de respondentes do sexo masculino é menor do que a verificada entre os alunos, oscilando entre 21,8% (diretores) e 28,1% (professores).

Entre pais e mães nota-se a maior diferença de participação entre os gêneros, com fortíssima participação de respondentes do sexo feminino. Cerca de 82% dos pais e mães que responderam à pesquisa são do sexo feminino e pouco menos de 18% do sexo masculino.

Tabela 6 – Distribuição dos respondentes por gênero (%)

Gênero	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais / mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Masculino	21,8	28,1	23,0	43,9	17,7
Feminino	78,2	71,9	76,8	55,9	81,9
Sem resposta	-	0,1	0,2	0,2	0,4

A distribuição dos respondentes de acordo com a sua cor/etnia apresenta diferenças menores entre os públicos da escola do que as verificadas para características como a idade e o gênero.

Em todos os públicos pesquisados, verifica-se um percentual maior de respondentes brancos, com participação ainda maior entre professores e diretores (46,9% e 46,0%, respectivamente). O público que apresentou o menor percentual de respondentes brancos foi o de alunos das escolas, respondendo por cerca de 31% do seu contingente total na pesquisa.

Os respondentes morenos e pardos vêm em seguida, apresentando percentuais menores apenas que os dos brancos na composição da amostra da pesquisa. Enquanto entre diretores e professores observa-se um percentual maior de pardos (23,2% e 22,4% respectivamente) do que de morenos (21,6% e 19,1%), os funcionários apresentam percentuais praticamente iguais, e alunos e pais/mães apresentam participação consideravelmente maior de respondentes morenos (36,1 % e 31,6%, respectivamente) do que de pardos (19,5% e 19,9%).

Os respondentes pretos apresentam participação de cerca de 5% do total de respondentes entre todos os públicos. Os diretores (6,1%), seguidos pelos funcionários (5,8%) e professores (5,6%) apresentam as maiores participações de pretos no seu número total de respondentes, enquanto alunos e pais/mães apresentaram percentuais de 4,2% e 4,5%.

Amarelos ou orientais representam entre 1% e 3% no total da amostra, com maior incidência de respondentes com estas características, verificada entre funcionários (3,5%) e alunos (3%).

Respondentes cafusos, índios e caboclos apresentaram os menores percentuais de participação na amostra da pesquisa, com valores iguais ou inferiores a 1,5% para a sua participação entre todos os públicos da pesquisa.

Tabela 7 – Distribuição dos respondentes por cor/etnia (%)

Cor / Etnia	Diretores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Amarelo ou oriental	1,0	1,5	3,5	3,0	1,1
Branco	46,0	46,9	40,7	30,9	37,6
Caboclo	-	1,1	1,1	1,1	1,5
Cafuso	0,3	0,5	0,2	0,5	0,2
Índio	0,8	1,2	0,8	0,6	1,1
Moreno	21,6	19,1	23,4	36,1	31,6
Mulato	0,8	1,7	1,5	3,9	2,2
Preto	6,1	5,6	5,8	4,2	4,5
Pardo	23,2	22,4	23,0	19,5	19,9
Sem resposta	0,2	-	-	0,2	0,2

No tocante à distribuição dos respondentes de acordo com características religiosas, observa-se que entre todos os públicos-alvo da pesquisa, mais de 90% de seus respondentes possuem alguma religião. A maior incidência de respondentes sem religião é notada entre os alunos (9,4%), seguidos de funcionários (5,2%), professores (4,2%), enquanto apenas 3,6% dos diretores e 2% de pais e mães não possuem religião.

Entre os respondentes que possuem religião, verifica-se um forte predomínio da religião católica, com percentuais entre 74% e 75% entre os profissionais das escolas, e valores um pouco mais baixos entre pais/mães (69%) e entre os alunos (65%).

Os evangélicos vêm em seguida, representando cerca de 22,5% dos funcionários que possuem religião, 20,3% entre diretores e 17,8% entre professores. No entanto, é entre pais/mães (26,8%) e, principalmente, entre os alunos (31,2%) que é observada a maior incidência de respondentes evangélicos, entre aqueles que possuem religião.

Nota-se ainda que respondentes de religião espírita apresentam uma maior participação entre diretores (5,1%) e professores (5,8%), enquanto que entre alunos, pais/mães e professores, não ultrapassam 2,3%, com os alunos apresentando o menor percentual de espíritas (1,5%) entre os respondentes.

As demais religiões (budista, candomblé/umbanda, mulçumana e outras) apresentaram cerca de 1% ou menos de participação no total de respondentes que possuem religião para praticamente todos os públicos.

O grupo de respondentes composto pelos pais/mães de alunos foi o que apresentou o maior percentual dos que possuem religião e participam efetivamente. Entre esses respondentes, cerca de 46%, se declaram muito participantes e 52% pouco participantes, enquanto que menos de 2% declaram não ter participação religiosa.

Os diretores vêm logo em seguida com cerca de 42% de muito participantes e 54% de respondentes pouco participantes. Os alunos são os que apresentam os menores percentuais de respondentes com participação religiosa, com 37% se declarando muito participante e 56% pouco participante, resultando em 7% de alunos que não têm participação religiosa. Os professores, por sua vez, apresentam maior percentual de participantes do que os alunos, embora o percentual de participantes seja maior entre os respondentes que declaram ter pouca participação, enquanto que os respondentes que declaram ser muito participantes apresentam incidência percentual mais próxima à verificada entre os alunos.

Tabela 8 – Distribuição dos respondentes por religião e participação religiosa (%)

Descrição	Diretores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
POSSUI RELIGIÃO					
Sim	96,4	95,8	94,8	90,6	98,0
Não	3,6	4,2	5,2	9,4	2,0
RELIGIÃO A QUAL PERTENCE	n= 479	n= 954	n= 957	n= 13.711	n= 974
Budista	0,2	0,1	0,1	0,5	0,5
Candomblé/Umbanda	0,8	0,5	0,7	1,0	0,4
Católica	73,5	74,6	73,8	65,2	69,3
Evangélica	20,3	17,8	22,5	31,2	26,8
Espírita	5,1	5,8	2,3	1,5	2,2
Muçulmana	0,1	0,1	-	0,1	-
Outras	-	1,1	0,6	0,5	0,8

Descrição	Diretores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
PARTICIPAÇÃO RELIGIOSA					
Muito participante	42,4	38,8	40,5	37,1	45,9
Pouco participante	54,4	58,1	56,7	55,7	52,3
Nada participante	3,2	3,1	2,8	7,2	1,8

Os públicos de diretores e professores são os que apresentam os maiores percentuais de respondentes com acesso aos tipos de mídia pesquisados, exceto pelo rádio. Todos os públicos apresentam acesso bastante elevado à televisão, oscilando entre 94% entre os alunos e quase 99% dos diretores.

Diferentemente da televisão e de outras mídias, enquanto para diretores e professores, entre 76% e 78% têm acesso ao rádio, observa-se um percentual de 81% de respondentes com acesso entre os funcionários, de 83% entre pais/mães, e de 86% entre os alunos.

Embora as diferenças de acesso às mídias de radiodifusão sejam relativamente pequenas, nota-se uma diferença bastante acentuada no acesso à mídia impressa e à internet entre diretores e professores e os demais públicos da pesquisa. Em relação à mídia impressa, nota-se que pouco mais da metade dos alunos lêem revistas de atualidades/notícias. Os pais/mães (62%) e funcionários (72%) apresentam percentuais maiores do que os alunos, no entanto, bem distantes dos verificados entre diretores (94%) e professores (90%).

A diferença de acesso não se resume às revistas de atualidades/notícias. Enquanto mais de 83% de diretores e professores lêem jornais, cerca de 69,5% dos funcionários e pouco menos de 60% dos pais/mães também o fazem. Entre os alunos o percentual é ainda menor: pouco mais de 40% do total de alunos que responderam ao questionário os lêem.

Se os alunos apresentam menor percentual de respondentes com acesso às mídias impressas do que funcionários e pais/mães, em relação à internet apresentam percentual consideravelmente maior (63%), especialmente do que aquele apresentado por pais/mães, dos quais apenas um grupo restrito (36%) utiliza ou acessa a internet. Assim como para a maior parte das mídias, diretores (84%) e professores (79%) apresentam o maior percentual de respondentes que utiliza ou acessa a internet.

Tabela 9 – Acesso à informação (%)

Descrição	Diretores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
ASSISTE TELEVISÃO					
Sim	98,5	98,2	96,8	95,4	94,4
Não	1,4	1,8	3,2	4,5	4,8
Sem resposta	0,1	-	-	0,1	0,8
OUVE RÁDIO					
Sim	75,9	78,0	81,3	85,9	83,6
Não	23,2	21,9	18,7	14,0	16,0
Sem resposta	0,9	0,1	-	0,1	0,4
LÊ JORNAL					
Sim	85,4	83,4	69,5	41,9	59,6
Não	14,6	16,6	30,3	57,9	40,0
Sem resposta	-	-	0,2	0,2	0,4
LÊ REVISTAS DE NOTÍCIAS/ATUALIDADES					
Sim	93,9	90,2	72,4	52,0	62,2
Não	5,4	9,7	27,5	47,7	37,4
Sem resposta	0,7	0,1	0,1	0,3	0,4
UTILIZA/ ACESSA A INTERNET					
Sim	83,9	78,9	54,1	62,5	36,2
Não	16,0	21,0	45,8	37,2	63,3
Sem resposta	0,1	0,1	0,1	0,3	0,5

Entre diretores e professores, pouco mais de um terço está estudando atualmente. 19% dos diretores estão cursando pós-graduação (*lato sensu*), com no mínimo 360 horas, enquanto entre professores esse percentual é bem próximo (quase 18%). Nota-se

ainda um percentual maior de professores que estão cursando o ensino superior (14%) do que o de diretores (8%).

Tabela 10 – Distribuição de diretores e professores por atividade atual de estudo (%)

Descrição	Diretores	Professores
	n= 501	n= 1.005
Não está estudando	67,6	64,2
Está estudando: Ensino médio	*	0,1
Está estudando: Ensino superior	8,2	13,8
Está estudando: Pós-graduação (<i>lato sensu</i>) – especialização, com no mínimo 360 horas	19,0	17,6
Está estudando: Pós-graduação (<i>stricto sensu</i>) – mestrado e/ou doutorado	4,6	4,2
Sem resposta	0,6	0,1

De maneira geral, um percentual maior de diretores participou ou está participando de cursos de formação continuada do que os verificados entre os professores. Os cursos com maior participação desses dois públicos são os de educação ambiental (35% entre diretores e 28% entre professores), de identificação de exploração do trabalho infantil, de violência física, psicológica, negligência e abandono, abuso e exploração sexual comercial contra crianças e adolescentes (26,8% entre diretores e 15,2% entre professores), de direitos humanos (20% e 11%) e de história e cultura da África e dos afro-descendentes (20% e 17%).

É importante notar que mais de 50% dos diretores que realizaram ou estão realizando os cursos de direitos humanos, de história e cultura da África e dos afro-descendentes, de educação no campo e de história e cultura indígena fazem ou fizeram cursos com carga horária superior a 40 horas, enquanto para os demais cursos, a carga horária de mais de 40 horas é observada para um percentual inferior a 50% dos diretores que participaram ou estão participando destes cursos. Entre os professores, os cursos que apresentam mais de 50% dos participantes com carga horária maior do que 40 horas

são os de gênero e identidade de gênero e de história e cultura da África e dos afro-descendentes.

Tabela 11 – Distribuição de diretores e professores por curso de formação continuada realizado ou em realização (%)

Descrição	Diretores	Professores
	n= 501	n= 1.005
Educação ambiental	35,0	28,3
Menos de 40 horas	58,2	49,5
40 horas ou mais	41,8	50,5
Identificação de exploração do trabalho infantil, de violência física, psicológica, negligência e abandono, abuso e exploração sexual comercial contra crianças e adolescentes	26,8	15,2
Menos de 40 horas	59,7	53,6
40 horas ou mais	40,3	46,4
Direitos humanos	20,3	11,4
Menos de 40 horas	41,3	56,9
40 horas ou mais	58,7	43,1
História e cultura da África e dos afro-descendentes	19,9	17,2
Menos de 40 horas	37,7	17,3
40 horas ou mais	62,3	82,7
Educação para relações étnico-raciais	17,5	11,5
Menos de 40 horas	58,6	55,0
40 horas ou mais	41,4	45,0
Educação no campo	11,7	6,3
Menos de 40 horas	34,1	56,6
40 horas ou mais	65,9	43,4
Gênero e identidade de gênero	8,7	6,7
Menos de 40 horas	59,1	34,3
40 horas ou mais	40,9	65,7
História e cultura indígena	7,9	6,4
Menos de 40 horas	40,2	66,4
40 horas ou mais	59,8	33,6

Observa-se que cerca de metade dos professores exerce outra atividade remunerada além do trabalho na escola, percentual um pouco maior do que o verificado entre funcionários (45%) e diretores (40%).

Tabela 12 – Distribuição de diretores, professores e funcionários que exercem outra atividade remunerada além do trabalho na escola pesquisada (%)

Descrição	Diretores	Professores	Funcionários
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004
Sim	40,3	52,3	45,7
Não	59,7	47,6	53,7
Sem resposta	-	0,1	0,6

Cerca de metade dos diretores pesquisados dedicam entre 21 e 40 horas semanais à escola, enquanto que 42% dedicam mais de 40 horas semanais e apenas 5,4% dedicam menos de 20 horas por semana.

Entre os funcionários, a grande maioria dos respondentes (quase 70%) dedicam entre 21 e 40 horas por semana à escola, enquanto que apenas 17% dedicam mais de 40 horas e 15% dedicam até 20 horas semanais à escola.

Tabela 13 – Distribuição de diretores e funcionários por carga horária de trabalho na escola (%)

Carga Horária	Diretores	Funcionários
	n= 501	n= 1.004
Até 20 horas semanais	5,4	15,4
De 21 a 40 horas semanais	52,3	67,6
Mais de 40 horas semanais	42,1	16,8
Sem resposta	0,2	0,2

Nota-se que um percentual bastante pequeno tanto de alunos como de pais/mães e funcionários participa regularmente de atividades extracurriculares na escola durante os finais de semana (pouco mais de 10% para funcionários e pais/mães e 6% para alunos).

Nota-se que a presença de funcionários nessas atividades é maior entre os funcionários, dos quais 44% participam ocasionalmente de tais atividades, totalizando 56% que apresentam algum grau de participação.

Cerca de 45% de pais e mães participam de alguma atividade nos finais de semana na escola, sendo que pouco mais de 30% participam apenas esporadicamente dessas atividades.

Entre os alunos, no entanto, considerando aqueles que nunca participaram e os que declaram não haver atividades na escola nos finais de semana, nota-se que quase 77% do total não participam de atividades na escola nos finais de semana. Entre os que cerca de 23% que apresentam alguma participação em atividades extracurriculares nos finais de semana, a grande maioria participa apenas esporadicamente, enquanto pouco mais de um quarto participa de maneira regular.

Tabela 14 – Distribuição de funcionários, alunos e pais/mães por participação ou trabalho em atividades extracurriculares nos finais de semana (%)

Descrição	Funcionários	Alunos	Pais / Mães
	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Sim, sempre	12,3	6,3	13,7
Sim, às vezes / de vez em quando	44,0	16,6	30,9
Não, nunca	18,9	42,7	22,0
Não tem atividades na escola no final de semana	24,6	34,2	32,9
Sem resposta	0,2	0,2	0,5

4.2. Abrangência e Intensidade do Preconceito no Ambiente Escolar – Resultados Gerais

Esta seção apresenta a abrangência e a intensidade do preconceito nas escolas pesquisadas. A abrangência do preconceito indica o percentual de respondentes que apresentam algum grau de atitude preconceituosa para pelo menos uma das frases preconceituosas que compuseram o questionário para a área temática pesquisada. A tabela a seguir apresenta os resultados obtidos para cada tipo de preconceito pesquisado.

Tabela 15 – % de respondentes com algum grau de preconceito para a área temática pesquisada

Natureza do Preconceito	% de respondentes com algum nível de preconceito
Geral	99,3
Deficiência	96,5
Étnico racial	94,2
Gênero	93,5
Geracional	91,0
Socioeconômica	87,5
Orientação Sexual	87,3
Territorial	75,9

Entre todos os públicos da pesquisa verificam-se atitudes, crenças e valores que indicam que o preconceito está presente de fato no ambiente escolar das escolas públicas brasileiras nas diversas áreas temáticas pesquisadas: étnico racial, de gênero, geracional, socioeconômica, territorial, em relação à orientação sexual e a pessoas com necessidades especiais. Os tipos de preconceito que apresentaram maior abrangência entre os respondentes, ou seja, aqueles para os quais se verifica um maior percentual de respondentes com algum grau de preconceito são aqueles relacionados à pessoas com necessidades especiais, aqueles relacionados às diferenças étnico-raciais e os relacionados às diferenças de gênero. O preconceito territorial, embora apresente a menor abrangência dentre todos os tipos pesquisados, foi observado em cerca de 75% dos respondentes da pesquisa.

A tabela a seguir apresenta os valores médios observados nas escolas para a intensidade das atitudes preconceituosas observadas, para cada tipo de preconceito pesquisado. O índice percentual de atitude preconceituosa indica em uma escala que varia entre 0 e 100, o nível de atitude preconceituosa percebida pelos respondentes da pesquisa, a partir do valor médio da avaliação de cada frase que compôs o questionário da pesquisa.

Tabela 16 – Valores médios para o índice percentual de atitude preconceituosa em relação a cada tipo de preconceito pesquisado

Tipo de Preconceito	Índice de Atitude Preconceituosa (%)
Gênero	38,2
Geracional	37,9
Deficiência	32,4
Orientação Sexual	26,1
Socioeconômica	25,1
Étnico racial	22,9
Territorial	20,6

Os maiores níveis de preconceito foram observados para as questões de gênero, as questões geracionais (de idade) e aquelas relativas a pessoas com necessidades especiais. O preconceito territorial (em relação a moradores e trabalhadores de áreas rurais) além de ter apresentado a menor abrangência entre os respondentes, apresenta também, na média os menores níveis de atitude preconceituosa nas escolas pesquisadas.

4.3. Abrangência e Intensidade da Distância Social no Ambiente Escolar – Resultados Gerais

Esta seção apresenta a abrangência e a intensidade da distância social que os respondentes apresentam em relação aos grupos sociais pesquisados. A abrangência da distância social indica o percentual de respondentes que apresentou predisposição de manter algum grau de distância em relação a estes grupos sociais. A tabela a seguir apresenta os resultados obtidos para cada grupo social pesquisado.

Tabela 17 – % de respondentes com predisposição a manter algum grau de distância em relação aos grupos sociais pesquisados

Grupo Social	% dos respondentes com predisposição de manter algum grau de distância social
Geral	99,9
Deficiente Mental	98,9
Homossexual	98,5
Cigano	97,3
Deficiente Físico	96,2
Índio	95,3
Pobre	94,9
Morador de Periferia / Favela	94,6
Morador de Área Rural	91,1
Negro	90,9

Os resultados indicam que a quase totalidade dos respondentes apresenta propensão a estabelecer algum grau de distância em relação a pelo menos um dos grupos sociais estudados na pesquisa. Nota-se também que para todos os grupos sociais pesquisados pelo menos 90% dos respondentes apresentaram predisposição a manter algum grau de distância social. Estes percentuais foram maiores entre os respondentes para a distância social em relação a pessoas com necessidades especiais de natureza mental, a homossexuais e a ciganos.

A tabela a seguir apresenta os valores médios observados nas escolas para a distância em relação a cada grupo social pesquisado. O índice percentual de distância social para cada grupo social pesquisado, indica em uma escala que varia entre 0 e 100, o nível de distância que o respondente se mostra predisposto a manter em relação a pessoas que fazem parte deste grupo, onde 0 é o nível que representa contatos mais próximos e 100 o nível de maior distância em relação ao grupo em questão.

Tabela 18 – Valores médios para o índice percentual de distância social em relação a cada grupo social pesquisado

Grupo Social	Índice de Distância Social (%)
Homossexual	72,0
Deficiente Mental	70,9
Cigano	70,4
Deficiente Física	61,8
Índio	61,6
Morador de Periferia ou favela	61,4
Pobre	60,8
Morador de Área Rural	56,4
Negro	55,0

Tomando as escalas entre 0 e 100 notam-se valores mais altos para a distância social do que para as atitudes preconceituosas declaradas pelos respondentes. Os resultados indicam que as maiores distâncias verificadas entre os respondentes são aquelas em relação a homossexuais, pessoas com necessidades especiais de natureza mental e em relação a ciganos.

4.4. Conhecimento de Práticas Discriminatórias (*Bullying*) no Ambiente Escolar – Resultados Gerais

Nesta seção são apresentados os resultados para o índice percentual de conhecimento de situações discriminatórias para cada grupo social pesquisado. Este índice indica em uma escala que varia entre 0 e 100, o nível de conhecimento dos respondentes sobre a ocorrência de práticas discriminatórias nas escolas públicas pesquisadas, onde 0 indica que nenhum respondente soube da ocorrência de tais situações e 100 indica que todos os respondentes já viram ocorrências tanto de humilhações como de agressões físicas e acusações injustas em suas escolas. A tabela a seguir apresenta o valor médio verificado entre os respondentes da pesquisa para este índice para cada um dos grupos de atores escolares (alunos, professores e funcionários) vitimados por práticas discriminatórias, ordenados do grupo para o qual se observou

maior nível de conhecimento para aquele para qual se observou o menor nível de conhecimento sobre tais práticas.

Tabela 19 – Valores médios para o índice percentual de conhecimento de situações discriminatórias por tipo de vítima (alunos, professores ou funcionários)

Vítima	Índice de Conhecimento de Situações Discriminatórias (%)
Aluno	10,5
Professor	5,3
Funcionário	4,9

Os resultados indicam que preconceito e a discriminação latentes nas escolas resultam muitas vezes em situações em que pessoas são humilhadas, agredidas ou acusadas injustamente simplesmente pelo fato de fazerem parte de algum grupo social específico. As práticas discriminatórias no ambiente escolar têm como principais vítimas os alunos, mas atingem também a professores e funcionários.

A tabela a seguir apresenta os valores médios observados nas escolas para o conhecimento de práticas discriminatórias sofridas por alunos por pertencerem aos grupos sociais pesquisados.

Tabela 20 – Valores médios para o índice percentual de conhecimento de situações discriminatórias sofridas por alunos por pertencerem a um determinado grupo social

Pelo fato de o(a) aluno(a) ser:	Índice de Conhecimento de Situações Discriminatórias (%)
Negro	19,0
Pobre	18,2
Homossexual	17,4
Mulher	10,9
Morador de periferia ou favela	10,4
Idoso	9,0
Deficiente Físico	8,0
Deficiente Mental	7,8
Morador de área rural	7,4
Índio	3,9
Cigano	3,5

Os respondentes declaram conhecer mais práticas discriminatórias em que alunos são vítimas motivadas pelo fato destes serem negros, em seguida por serem pobres e em terceiro lugar por serem homossexuais.

A seguir são apresentados os valores médios observados nas escolas para o conhecimento de práticas discriminatórias sofridas por professores por pertencerem aos grupos sociais pesquisados.

Tabela 21 – Valores médios para o índice percentual de conhecimento de situações discriminatórias sofridas por professores por pertencerem a um determinado grupo social

Pelo fato de o(a) professor(a) ser:	Índice de Conhecimento de Situações Discriminatórias (%)
Idoso	8,9
Homossexual	8,1
Mulher	8
Negro	7,2
Pobre	6,6
Morador de periferia ou favela	3,9
Deficiente Físico	3,9
Morador de área rural	3,7
Deficiente Mental	3,1
Índio	2,6
Cigano	2,5

Embora os alunos sejam as maiores vítimas, as práticas discriminatórias na escola também vitimam professores e funcionários com preocupante incidência. Entre os professores, as principais vítimas de tais situações são os mais velhos, os homossexuais e as mulheres.

A tabela a seguir apresenta os valores médios observados nas escolas para o conhecimento de práticas discriminatórias sofridas por seus funcionários por pertencerem aos grupos sociais pesquisados.

Tabela 22 – Valores médios para o índice percentual de conhecimento de situações discriminatórias sofridas por funcionários por pertencerem a um determinado grupo social

Pelo fato de o(a) funcionário(a) ser:	Índice de Conhecimento de Situações Discriminatórias (%)
Pobre	7,9
Idoso	7,6
Negro	7,5
Mulher	6,8
Homossexual	5,2
Morador de periferia ou favela	4,3
Morador de área rural	3,6
Deficiente Físico	3,5
Deficiente Mental	3,1
Índio	2,5
Cigano	2,3

Entre os funcionários vitimados, os que mais sofrem com práticas discriminatórias, de acordo com o conhecimento dos respondentes são os pobres, idosos e negros.

4.5. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* no Ambiente Escolar por Público Alvo da Pesquisa

As tabelas a seguir apresentam, para cada agrupamento dos públicos alvo da pesquisa, as médias para o índice percentual de concordância com as frases que expressam atitudes preconceituosas. À direita nas tabelas são apresentados os resultados para a significância estatística da diferença entre as médias para cada aspecto pesquisado e as células indicadas com a cor verde indicam que a diferença das médias é estatisticamente significativa a $p < 0,05$.

Tabela 23 – Médias para o Índice Percentual de Concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas, por agrupamento de atores escolares

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa IPC (%)				Significância estatística da diferença						
	Corpo Técnico (CT)	Funcion. (F)	Alunos (A)	Pais e Mães (P)	Total	CT / F	CT / A	CT / P	F / A	F / P	A / P
Étnico Racial	8	16	23	20	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
Neces. Especiais	18	26	33	28	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,340	0,000
Gênero	19	28	39	33	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,020	0,000
Geracional	25	33	38	35	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,998	0,000
Socioeconômica	14	22	25	23	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,890	0,000
Territorial	6	13	21	18	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
Orientação Sexual	11	18	27	20	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,166	0,000
Geral	13	21	28	24	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,005	0,000

Os resultados obtidos indicam que atitudes, crenças e valores preconceituosos estão presentes na escola, entre todos os públicos que compõem o ambiente escolar. Nota-se que em todos os grupos (corpo técnico e administrativo, compreendendo professores e diretores, funcionários, alunos e pais/mães) as atitudes mais preconceituosas são relacionadas a questões geracionais e de gênero. Nota-se que existem diferenças entre as atitudes apresentadas pelos diversos agrupamentos de atores escolares.

Há diferenças nas atitudes dos agrupamentos de atores escolares em todos os temas pesquisados, sendo que as principais indicam que os alunos apresentam atitudes mais preconceituosas em relação ao tema de gênero (33%) – que compreende questões de preconceito relacionados a diferenças entre os sexos masculino e feminino – e de orientação sexual (27%) – englobando questões de preconceito em relação a homossexuais – enquanto que respondentes do corpo técnico e administrativo apresentam os menores valores para estes aspectos (19% e 11%, respectivamente). As menores diferenças foram observadas para os temas geracional (38% para os alunos e 25% para o corpo técnico e administrativo) e socioeconômico (25% para os alunos e 14% para o corpo técnico e administrativo).

Tabela 24 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por agrupamento de atores escolares

Grupo Social	Distância Social – IPCD (%)				Significância estatística da diferença						
	Corpo Técnico (CT)	Funcion. (F)	Alunos (A)	Pais e Mães (P)	Total	CT / F	CT / A	CT / P	F / A	F / P	A / P
Pobre	71	69	68	64	0,000	1,000	0,991	0,000	0,995	0,001	0,000
Negro	61	58	60	52	0,000	1,000	0,114	0,000	0,270	0,000	0,000
Índio	71	70	68	62	0,000	0,184	0,478	0,007	0,555	0,000	0,000
Cigano	80	78	78	74	0,000	0,941	0,209	0,007	0,810	0,003	0,000
Homossexual	78	76	80	74	0,000	0,999	0,000	0,285	0,000	0,435	0,000
Morador de Periferia / Favela	73	71	67	62	0,000	0,995	0,009	0,000	0,108	0,000	0,000
Morador de Área Rural	70	62	61	54	0,000	0,128	0,000	0,000	0,316	0,000	0,000
Nec. Esp. Física	73	70	69	64	0,000	0,992	0,965	0,000	1,000	0,003	0,000
Nec. Esp. Mental	87	84	79	79	0,000	1,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,704
Geral	74	71	70	65	0,000	1,000	0,916	0,000	0,972	0,000	0,000

Assim como o preconceito está presente no ambiente escolar, entre todos os públicos-alvo da pesquisa, verificou-se que a predisposição em manter menor proximidade em relação aos grupos sociais pesquisados também faz parte da realidade das escolas.

Se o preconceito expresso nas atitudes é maior em relação a questões de idade e de gênero, entre todos os agrupamentos de atores escolares observa-se menor predisposição a manter contatos sociais com homossexuais, pessoas com necessidades especiais de natureza mental e ciganos.

Os resultados indicam ainda que há também diferenças na distância social entre os agrupamentos de atores escolares em relação a todos os grupos sociais pesquisados. Os aspectos que apresentam maior diferença entre os agrupamentos são: a distância social do respondente em relação a moradores/trabalhadores da área rural (70% para o corpo técnico e administrativo e 54% entre pais e mães de alunos) e em relação a moradores da periferia/favela, com média de 73% entre os respondentes do corpo técnico e administrativo das escolas e 62% entre pais e mães de alunos. As menores

diferenças verificadas entre os atores dizem respeito aos grupos sociais de ciganos (80% para o corpo técnico e administrativo e 74% para pais e mães) e homossexuais (80% entre os alunos e 74% entre pais e mães).

Tabela 25 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por agrupamento de atores escolares

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)				Significância estatística da diferença						
	Corpo Técnico (CT)	Funcion. (F)	Alunos (A)	Pais e Mães (P)	Total	CT / F	CT / A	CT / P	F / A	F / P	A / P
Negro	6	6	12	6	0,000	0,892	0,000	0,905	0,000	1,000	0,000
Índio	1	2	3	2	0,000	0,441	0,000	0,042	0,000	0,743	0,000
Cigano	0	2	3	2	0,000	0,282	0,000	0,092	0,000	0,962	0,000
Homossexual	7	6	11	5	0,000	0,060	0,000	0,000	0,000	0,591	0,000
Deficiente Físico	2	3	6	3	0,000	0,946	0,000	0,684	0,000	0,958	0,000
Deficiente Mental	2	3	5	3	0,000	1,000	0,000	0,918	0,000	0,955	0,000
Pobre	6	6	12	6	0,000	0,885	0,000	1,000	0,000	0,929	0,000
Morador de Periferia / Favela	3	4	7	4	0,000	0,995	0,000	0,982	0,000	0,945	0,000
Morador de Área Rural	1	3	6	3	0,000	0,519	0,000	0,181	0,000	0,937	0,000
Mulher	5	5	9	4	0,000	0,698	0,000	0,155	0,000	0,802	0,000
Idoso	6	4	9	5	0,000	0,270	0,000	0,208	0,000	0,999	0,000
Geral	5	5	9	4	0,000	0,987	0,000	0,665	0,000	0,886	0,000

Os resultados da pesquisa indicam que há não somente preconceito e predisposição a evitar a proximidade com certos grupos sociais, como também o conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* na escola, onde indivíduos são humilhados, agredidos fisicamente ou acusados de forma injusta pelo fato de pertencerem a um determinado grupo social. De acordo com o conhecimento de todos os agrupamentos de atores da pesquisa, as principais vítimas de *bullying* na escola são as pessoas negras, os pobres, homossexuais, mulheres e idosos.

Nota-se que o conhecimento dessas situações é maior entre os alunos da escola e menor entre os pais, especialmente no *bullying* em relação a negros (12% para o índice

percentual de conhecimento de situações de *bullying* entre os alunos e 6% entre os pais e mães), pobres (12% e 6%, respectivamente) e homossexuais (11% e 5%).

4.6. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* no Ambiente Escolar por Modalidade de Ensino

As tabelas a seguir apresentam, no caso de alunos e professores, as médias para os índices percentuais de atitude preconceituosa, de distância social e de conhecimento da ocorrência de situações de *bullying*, de acordo com a modalidade de ensino do respondente.

Tabela 26 – Médias para o índice percentual de concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas por modalidade de ensino (Alunos)

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa - IPC (%)				Significância estatística da diferença						
	Pen. ano do Ens. Fund. (F)	Últ. ano do Ens. Médio (M)	EJA Fund. (EF)	EJA Médio (EM)	Total	F / M	F / EF	F / EM	M / EF	M / EM	EF / EM
Étnico Racial	26	18	27	22	0,000	0,000	0,015	0,000	0,000	0,000	0,000
Deficiência	35	29	35	30	0,000	0,000	0,755	0,000	0,000	0,992	0,000
Gênero	42	34	42	36	0,000	0,000	0,816	0,000	0,000	0,586	0,000
Geracional	40	35	41	37	0,000	0,000	1,000	0,000	0,000	0,361	0,000
Socio-econômica	27	22	29	24	0,000	0,000	0,014	0,000	0,000	0,004	0,000
Territorial	24	15	25	19	0,000	0,000	0,634	0,000	0,000	0,000	0,000
Orientação Sexual	30	23	28	24	0,000	0,000	0,073	0,000	0,000	1,000	0,000
Geral	30	23	31	26	0,000	0,000	0,667	0,000	0,000	0,002	0,000

Entre os respondentes, os alunos do ensino fundamental (especialmente do EJA fundamental) apresentam as maiores médias para o índice de concordância com as frases que expressam atitudes preconceituosas, enquanto que os do último ano do ensino médio regular apresentam as atitudes menos preconceituosas.

As maiores diferenças são observadas para as áreas temáticas territorial, compreendendo o preconceito em relação a moradores e trabalhadores das áreas rurais

(média de 25% no EJA fundamental, 24% no último ano do ensino fundamental e 15% no último ano do ensino médio regular) e étnico racial, que se refere ao preconceito em relação a cor da pele, origem étnica etc. (27% no EJA fundamental, 26% no último ano do ensino fundamental regular e 18% no último ano do ensino médio regular). As menores diferenças entre os agrupamentos, por sua vez, são observadas para as áreas temáticas geracional, que engloba questões de preconceito em relação à idade (41% no EJA fundamental e 35% no último ano do ensino médio) e de deficiência (35% no ensino fundamental – regular e EJA – e 29% no último ano do ensino médio regular).

Tabela 27 – Médias para o índice percentual de concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas por modalidade de ensino (Professores)

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa – IPC (%)				Significância estatística da diferença						
	Pen. ano do Ens. Fund. (F)	Últ. ano do Ens. Médio (M)	EJA Fund. (EF)	EJA Médio (EM)	Total	F / M	F / EF	F / EM	M / EF	M / EM	EF / EM
Étnico Racial	9	8	8	7	0,431	0,969	0,942	0,435	0,999	0,685	0,784
Deficiência	20	19	21	19	0,444	0,733	0,837	0,550	1,000	0,958	0,943
Gênero	20	19	20	15	0,626	1,000	0,969	0,794	0,959	0,843	0,631
Geracional	25	23	27	23	0,285	0,745	0,816	0,967	0,318	0,991	0,690
Socioeconômica	17	15	16	15	0,186	0,509	0,523	0,339	1,000	0,938	0,963
Territorial	7	7	6	5	0,339	0,635	0,979	0,463	0,914	0,954	0,732
Orientação sexual	12	10	10	9	0,269	0,894	0,959	0,272	0,999	0,626	0,589
Geral	14	13	14	12	0,299	0,756	0,955	0,336	0,983	0,819	0,669

Entre os professores, não se observam diferenças estatisticamente significantes para as atitudes preconceituosas em relação a nenhuma das áreas temáticas, de acordo com a sua modalidades de ensino.

Tabela 28 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por modalidade de ensino (Alunos)

Grupo Social	Distância Social – IPCD (%)				Significância estatística da diferença						
	Pen. ano do Ens. Fund. (F)	Últ. ano do Ens. Médio (M)	EJA Fund. (EF)	EJA Médio (EM)	Total	F / M	F / EF	F / EM	M / EF	M / EM	EF / EM
Pobre	71	67	65	65	0,000	0,000	0,000	0,000	0,301	0,621	0,991
Negro	65	60	56	55	0,000	0,000	0,000	0,000	0,011	0,028	1,000
Índio	71	68	66	66	0,000	0,000	0,000	0,000	0,056	0,223	0,992
Cigano	80	80	76	75	0,000	0,080	0,000	0,000	0,001	0,000	0,929
Homossexual	82	80	79	78	0,000	0,000	0,000	0,000	0,353	0,172	0,949
Morador da periferia/favela	70	69	64	65	0,000	0,198	0,000	0,000	0,000	0,000	0,836
Morador de área rural	64	63	57	58	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,986
Deficiente físico	72	69	66	64	0,000	0,000	0,000	0,000	0,001	0,000	0,239
Deficiente mental	80	80	78	78	0,000	0,730	0,000	0,000	0,005	0,002	0,925
Geral	73	71	67	67	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,983

No tocante à distância social, os resultados indicam que há diferenças entre os alunos no nível de proximidade dos contatos que estão dispostos a manter em relação aos grupos sociais pesquisados, de acordo com a sua modalidade de ensino.

As principais diferenças entre os respondentes são observadas para a distância social em relação a pessoas negras (65% entre alunos do último ano do ensino fundamental regular e 55% entre os alunos do EJA médio) e deficientes físicos (72% e 64%, respectivamente). Os grupos sociais para os quais foram observadas as menores diferenças para a distância social dos respondentes, de acordo com sua modalidade de ensino foram: deficientes mentais (80% entre alunos do ensino regular, fundamental e médio, e 78% entre alunos do EJA) e homossexuais (82% entre alunos do ensino fundamental regular e 78% entre alunos do EJA médio).

Tabela 29 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por modalidade de ensino (Professores)

Grupo Social	Distância Social - IPCD (%)				Significância estatística da diferença						
	Pen. ano do Ens. Fund. (F)	Últ. ano do Ens. Médio (M)	EJA Fund. (EF)	EJA Médio (EM)	Total	F / M	F / EF	F / EM	M / EF	M / EM	EF / EM
Pobre	73	61	72	67	0,037	0,093	0,996	1,000	0,118	0,358	0,996
Negro	63	52	60	65	0,117	0,195	1,000	0,999	0,375	0,390	0,997
Índio	74	62	73	65	0,089	0,207	0,997	0,683	0,236	0,983	0,647
Cigano	84	76	80	71	0,081	0,262	0,778	0,178	0,905	0,935	0,679
Homossexual	82	71	79	74	0,053	0,135	0,999	0,596	0,189	0,981	0,598
Morador da periferia/favela	74	66	73	69	0,056	0,125	0,999	0,479	0,281	0,995	0,616
Morador de área rural	73	59	71	68	0,013	0,027	1,000	0,848	0,080	0,595	0,887
Deficiente físico	75	62	72	71	0,003	0,008	1,000	0,830	0,039	0,438	0,895
Deficiente mental	87	81	87	84	0,084	0,138	0,999	0,676	0,314	0,960	0,799
Geral	76	65	74	71	0,010	0,022	1,000	0,670	0,084	0,752	0,778

Entre os professores foram verificadas diferenças estatisticamente significativas de acordo com a modalidade de ensino apenas para as médias da distância social em relação a pessoas pobres (média de 73% para o ensino fundamental regular e 61% para o ensino médio regular), moradores/trabalhadores da área rural (73% e 59%, respectivamente) e deficientes físicos (75% e 62%).

Tabela 30 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por modalidade de ensino (Alunos)

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)				Significância estatística da diferença						
	Pen. ano do Ens. Fund. (F)	Últ. ano do Ens. Médio (M)	EJA Fund. (EF)	EJA Médio (EM)	Total	F / M	F / EF	F / EM	M / EF	M / EM	EF / EM
Negro	16	10	10	9	0,000	0,000	0,000	0,000	1,000	0,000	0,000
Índio	5	2	4	3	0,000	0,000	0,019	0,000	0,000	0,386	0,002
Cigano	4	2	4	3	0,000	0,000	0,418	0,000	0,000	0,238	0,001
Homossexual	12	11	9	8	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
Deficiente físico	7	4	6	5	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,999	0,001
Deficiente mental	7	3	5	4	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,990	0,000
Pobre	15	10	10	9	0,000	0,000	0,000	0,000	0,446	0,000	0,002
Morador de periferia/favela	8	6	7	5	0,000	0,000	0,000	0,000	0,093	0,031	0,000
Morador de área rural	7	4	6	5	0,000	0,000	0,000	0,000	0,018	0,343	0,000
Idoso	11	7	9	7	0,000	0,000	0,000	0,000	0,080	0,057	0,000
Mulher	12	7	9	8	0,000	0,000	0,000	0,000	0,023	0,622	0,003
Geral	11	8	8	7	0,000	0,000	0,000	0,000	0,977	0,000	0,000

Entre os alunos pesquisados há também diferenças no conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* (humilhação, agressão física, acusações injustas) em relação a todos os grupos sociais pesquisados, de acordo com a modalidade de ensino do respondente.

Nota-se que os respondentes do ensino fundamental regular apresentam maior conhecimento de tais situações para todos os grupos sociais pesquisados. As principais diferenças foram observadas para o *bullying* em relação a: pessoas negras (16% no ensino fundamental regular e entre 9% e 10% nas demais modalidades) e pobres (15% no ensino fundamental regular e entre 9% e 10% nas demais modalidades). As menores diferenças foram observadas para situações em que as vítimas do *bullying* são ciganos (2 pontos percentuais de diferença), índios, deficientes físicos, moradores de periferia/

favela e moradores de áreas rurais (3 pontos percentuais de diferença entre a modalidade de maior valor e a de menor valor).

Tabela 31 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por modalidade de ensino (Professores)

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)				Significância estatística da diferença						
	Pen. ano do Ens. Fund. (F)	Últ. ano do Ens. Médio (M)	EJA Fund. (EF)	EJA Médio (EM)	Total	F / M	F / EF	F / EM	M / EF	M / EM	EF / EM
Negro	5	6	5	4	0,261	0,941	0,947	0,522	0,740	0,305	0,844
Índio	0	1	0	0	0,835	0,995	0,889	0,998	0,966	0,984	0,887
Cigano	0	0	0	0	0,402	0,769	0,438	0,916	0,940	1,000	0,947
Homossexual	5	8	5	6	0,203	0,554	0,873	0,998	0,243	0,660	0,977
Deficiente Físico	2	2	1	2	0,604	0,998	0,836	0,951	0,776	0,982	0,671
Deficiente Mental	2	2	2	2	0,715	0,931	0,999	0,760	0,982	0,960	0,865
Pobre	5	5	5	4	0,252	0,999	0,786	0,336	0,872	0,434	0,849
Morador de periferia/favela	2	4	3	3	0,124	0,873	0,596	0,666	0,252	0,346	1,000
Morador de área rural	1	2	1	1	0,095	0,996	0,366	0,432	0,309	0,370	0,999
Idoso	5	7	5	6	0,428	0,613	0,988	0,982	0,518	0,950	0,934
Mulher	5	7	5	7	0,101	0,262	0,952	0,997	0,157	0,664	0,934
Geral	4	5	4	4	0,169	0,787	0,698	0,850	0,252	0,455	1,000

Assim como para as atitudes não se observam diferenças estatisticamente significantes para o conhecimento entre os professores de ocorrência de situações de *bullying*, de acordo com a sua modalidades de ensino.

4.7. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* no Ambiente Escolar por Porte da Escola

As tabelas a seguir apresentam (para alunos e para o corpo técnico e administrativo da escola – diretores e professores) as médias para os índices percentuais de atitude preconceituosa, de distância social e de conhecimento da ocorrência de

situações de *bullying*, de acordo com o porte da escola do respondente, em função do número de alunos matriculados (dados do Censo Escolar 2007).

Tabela 32 – Médias para o índice percentual de concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas por porte da escola (Alunos)

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa – IPC (%)			Significância estatística da diferença			
	600 alunos ou menos (P)	601 a 1000 alunos (M)	Mais de 1000 alunos (G)	Total	P / M	P / G	M / G
Étnico Racial	26	23	21	0,000	0,000	0,000	0,000
Deficiência	35	33	31	0,000	0,000	0,000	0,000
Gênero	42	39	36	0,000	0,000	0,000	0,000
Geracional	40	38	37	0,000	0,075	0,000	0,001
Socio-econômica	27	25	24	0,003	0,660	0,005	0,057
Territorial	23	21	20	0,000	0,436	0,000	0,007
Orientação Sexual	28	27	25	0,000	0,066	0,000	0,000
Geral	30	28	26	0,000	0,000	0,000	0,000

Entre os alunos, observam-se diferenças estatisticamente significantes para o nível de preconceito expresso pelas atitudes, de acordo com o porte da escola, para todas as áreas temáticas da pesquisa.

As principais diferenças entre os grupos estão relacionadas ao preconceito de gênero (42% em escolas menores e 36% em maiores) e étnico racial (26% em escolas com até 600 alunos e 21% em escolas com mais de 1.000 alunos). As menores diferenças são verificadas para o preconceito de ordem socioeconômica, geracional, territorial e em relação à orientação sexual (todos com diferenças em torno de 3 pontos percentuais entre as escolas com até 600 alunos e as escolas com mais de 1.000 alunos).

Tabela 33 – Médias para o índice percentual de concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas por porte da escola (Corpo técnico e administrativo – Professores e Diretores)

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa – IPC (%)			Significância estatística da diferença			
	600 alunos ou menos (P)	601 a 1.000 alunos (M)	Mais de 1.000 alunos (G)	Total	P / M	P / G	M / G
Étnico Racial	9	7	7	0,000	0,028	0,001	0,587
Deficiência	19	17	16	0,062	0,721	0,069	0,343
Gênero	20	17	18	0,096	0,129	0,235	0,921
Geracional	26	24	23	0,113	0,327	0,129	0,898
Socioeconômica	14	13	14	0,238	0,265	0,905	0,459
Territorial	7	6	5	0,036	0,137	0,051	0,939
Orientação Sexual	12	9	8	0,000	0,054	0,000	0,329
Geral	14	12	12	0,004	0,061	0,005	0,745

Diferentemente dos alunos, professores e diretores das escolas pesquisadas apresentam diferenças estatisticamente significantes apenas para a média dos valores para o preconceito étnico racial, territorial e em relação à orientação sexual, em função do porte das escolas em que trabalham. Para essas áreas temáticas, respondentes de escolas com até 600 alunos apresentam médias um pouco maiores, especialmente do que as de escolas com mais de 1.000 alunos, para o índice percentual de concordância com as frases que exprimem atitudes preconceituosas.

A maior diferença é com o preconceito em relação à orientação sexual (4 pontos percentuais), enquanto para as demais áreas temáticas (étnico racial e territorial) ela é de 2 pontos percentuais.

Tabela 34 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por porte da escola (Alunos)

Grupo Social	Distância Social – IPCD (%)			Significância estatística da diferença			
	600 alunos ou menos (P)	601 a 1.000 alunos (M)	Mais de 1.000 alunos (G)	Total	P / M	P / G	M / G
Pobre	67	68	68	0,051	0,166	0,065	0,938
Negro	62	59	59	0,001	0,002	0,004	0,943
Índio	69	68	68	0,105	0,299	0,117	0,902
Cigano	77	78	80	0,045	0,833	0,065	0,208
Homossexual	80	79	81	0,067	0,108	0,932	0,158
Morador da periferia/favela	68	68	67	0,160	0,996	0,311	0,238
Morador de área rural	60	61	64	0,000	0,249	0,000	0,001
Deficiente físico	69	68	68	0,411	0,411	0,786	0,762
Deficiente mental	79	79	80	0,321	0,789	0,327	0,725
Geral	70	70	71	0,466	0,823	0,869	0,466

Os resultados indicam diferenças apenas para a distância social em relação a pessoas negras, ciganos e moradores de áreas rurais, entre os alunos, de acordo com o porte da escola. O grupo social de moradores de áreas foi o que apresentou maior diferença entre os alunos de escolas de diversos portes (64% entre os alunos de escolas com mais de 1.000 alunos, 60% entre escolas com até 600 alunos e 61% em escolas com até 1.000 alunos).

A distância social em relação a negros é um pouco maior (62%) em escolas menores do que nas escolas com mais de 600 alunos (59%), enquanto que para o grupo social referente aos ciganos, a distância social é um pouco maior em escolas de maior porte (80% em escolas com mais de 1.000 alunos e 77% em escolas com até 600 alunos).

Tabela 35 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por porte da escola (Corpo técnico e administrativo)

Grupo Social	Distância Social – IPCD (%)			Significância estatística da diferença			
	600 alunos ou menos (P)	601 a 1.000 alunos (M)	Mais de 1.000 alunos (G)	Total	P / M	P / G	M / G
Pobre	74	69	65	0,002	0,315	0,002	0,164
Negro	66	56	55	0,004	0,264	0,004	0,269
Índio	76	66	65	0,001	0,324	0,001	0,124
Cigano	83	79	75	0,002	0,447	0,002	0,086
Homossexual	82	74	75	0,008	0,101	0,010	0,732
Morador da periferia/favela	74	71	70	0,182	0,647	0,182	0,685
Morador de área rural	71	68	68	0,701	0,951	0,880	0,708
Deficiente físico	76	71	69	0,108	0,474	0,109	0,710
Deficiente mental	89	86	83	0,021	0,804	0,030	0,147
Geral	77	71	70	0,004	0,352	0,005	0,206

Para o corpo técnico e administrativo da escola notam-se diferenças entre respondentes de escolas de diversos portes em relação a número maior de grupos sociais pesquisados. Os resultados indicam que não há diferenças estatisticamente significantes apenas para a distância social em relação a moradores de favela/periferia, moradores de áreas rurais e deficientes físicos.

Em escolas de menor porte (até 600 alunos) apresentam médias maiores do que as escolas com mais de 1.000 alunos para a distância social do seu corpo técnico e administrativo em relação a todos os grupos sociais para os quais foram verificadas diferenças. As principais diferenças se referem à distância social em relação a negros (66% em escolas menores e 55% em escolas maiores) e índios (76% em escolas menores e 65% em escolas maiores). A menor diferença é observada em relação a deficientes mentais (89% em escolas menores e 83% em escolas maiores).

Nas tabelas a seguir são apresentados os resultados referentes ao conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* na escola, de acordo com o seu porte.

Tabela 36 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por porte da escola (Alunos)

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)			Significância estatística da diferença			
	600 alunos ou menos (P)	601 a 1.000 alunos (M)	Mais de 1.000 alunos (G)	Total	P / M	P / G	M / G
Negro	12	13	12	0,031	0,032	0,234	0,545
Índio	4	3	3	0,006	0,383	0,007	0,203
Cigano	4	3	3	0,032	0,703	0,041	0,229
Homossexual	9	12	11	0,000	0,000	0,000	0,274
Deficiente físico	6	6	5	0,152	0,689	0,158	0,572
Deficiente mental	6	5	5	0,001	0,109	0,001	0,267
Pobre	12	12	11	0,025	0,671	0,270	0,029
Morador de periferia/favela	6	7	7	0,000	0,005	0,000	0,652
Morador de área rural	7	6	5	0,000	0,021	0,000	0,000
Idoso	9	9	9	0,794	0,811	0,868	0,988
Mulher	9	9	9	0,753	0,959	0,762	0,903
Geral	9	9	9	0,055	0,057	0,527	0,351

De acordo com os resultados obtidos, os alunos apresentam diferenças estatisticamente significantes para o conhecimento de situações de *bullying* em relação a praticamente todos os grupos sociais pesquisados, exceto em relação a deficientes físicos, idosos e mulheres, que apresentam valores muito próximos para as médias nos três agrupamentos de escolas classificadas de acordo com o seu porte. Cabe ressaltar, no entanto, que estas diferenças são pequenas em amplitude, com cerca de 1 ponto percentual entre escolas de diferentes portes para o conhecimento de tais situações em relação a quase todos os grupos sociais.

A maior diferença observada entre os agrupamentos foi para o *bullying* em que as vítimas são homossexuais, com 9% em escolas de menor porte, 12% em escolas de porte médio e 11% em escolas de maior porte. O *bullying* praticado contra moradores de áreas rurais, por sua vez, é um pouco maior entre escolas menores (7% em escolas com até 600 alunos, 6% em escolas com até 1000 alunos e 5% em escolas com mais de 1000 alunos).

Tabela 37 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por porte da escola (Corpo técnico e administrativo)

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)			Significância estatística da diferença			
	600 alunos ou menos (P)	601 a 1.000 alunos (M)	Mais de 1.000 alunos (G)	Total	P / M	P / G	M / G
Negro	5	6	8	0,003	0,677	0,005	0,062
Índio	1	0	0	0,474	0,822	0,848	0,474
Cigano	1	0	0	0,764	0,999	0,831	0,813
Homossexual	5	8	10	0,000	0,012	0,000	0,045
Deficiente Físico	2	2	2	0,323	0,972	0,379	0,523
Deficiente Mental	2	2	2	0,769	0,868	0,989	0,783
Pobre	5	6	6	0,583	0,990	0,634	0,726
Morador de periferia/favela	3	4	5	0,006	0,408	0,007	0,209
Morador de área rural	1	1	1	0,723	0,999	0,799	0,779
Idoso	5	6	8	0,002	0,368	0,002	0,136
Mulher	4	6	7	0,030	0,226	0,032	0,715
Geral	4	5	6	0,001	0,214	0,001	0,170

Para os respondentes que fazem parte do corpo técnico e administrativo das escolas, notam-se diferenças estatisticamente significantes para o conhecimento de situações de *bullying* apenas para os casos em que as vítimas são pessoas negras, homossexuais, moradores de periferia/favela, idosos e mulheres. Em todos os casos, há maior conhecimento da ocorrência deste tipo de situação em escolas de maior porte, especialmente quando as vítimas são homossexuais (10% em escolas com mais de 1.000 alunos e 5% em escolas com até 600 alunos).

Os casos que apresentam as menores diferenças (2 pontos percentuais) são aqueles em que as vítimas são moradores da periferia/favela (5% em escolas com mais de 1.000 alunos e 3% em escolas com até 600 alunos).

4.8. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* no Ambiente Escolar por Localização da Escola (Urbana na capital, Urbana no interior e Rural)

As tabelas, a seguir, apresentam as médias para os índices percentuais de atitude preconceituosa, de distância social e de conhecimento da ocorrência de situações de *bullying*, de acordo com a localização da escola do respondente (se em área urbana da capital, em área urbana do interior ou em área rural).

Tabela 38 – Médias para o índice percentual de concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas por localização (Alunos)

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa – IPC (%)			Significância estatística da diferença			
	Urbana Capital (C)	Urbana Interior (I)	Rural (R)	Total	C / I	C / R	I / R
Étnico Racial	22	23	29	0,000	0,000	0,000	0,000
Deficiência	32	33	37	0,000	0,273	0,000	0,000
Gênero	36	39	43	0,000	0,000	0,000	0,462
Geracional	38	38	42	0,082	0,395	0,109	0,284
Socio-econômica	27	25	28	0,000	0,000	0,753	0,503
Territorial	22	20	26	0,000	0,000	0,671	0,007
Identidade de gênero	26	27	30	0,000	0,053	0,000	0,008
Geral	27	28	32	0,000	0,024	0,000	0,000

Entre os alunos, assim como para a totalidade dos respondentes, são observados níveis de preconceito um pouco maiores em escolas rurais. As principais diferenças dizem respeito ao preconceito de natureza étnico racial (29% em escolas rurais, 23% em escolas urbanas do interior e 22% em escolas urbanas da capital), de gênero (43% em escolas rurais e 36% em escolas urbanas da capital) e territorial (26% em escolas rurais e 20% em escolas urbanas do interior).

Para alunos de escolas com diferentes localizações são menores as diferenças no preconceito de ordem socioeconômica, com atitudes um pouco mais preconceituosas em

escolas das capitais (27% em escolas urbanas da capital e 25% em escolas urbanas do interior).

Tabela 39 – Médias para o índice percentual de concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas por localização (Corpo técnico e administrativo)

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa – IPC (%)			Significância estatística da diferença			
	Urbana Capital (C)	Urbana Interior (I)	Rural (R)	Total	C / I	C / R	I / R
Étnico Racial	7	8	10	0,005	0,038	0,019	0,264
Deficiência	17	17	21	0,357	0,774	0,364	0,528
Gênero	17	18	23	0,036	0,325	0,043	0,174
Geracional	23	25	25	0,260	0,262	0,881	0,941
Socioeconômica	14	14	15	0,711	0,897	0,722	0,830
Territorial	6	6	9	0,386	0,945	0,392	0,442
Identidade de gênero	8	10	14	0,087	0,248	0,145	0,490
Geral	11	12	15	0,081	0,244	0,133	0,467

Praticamente não há diferenças estatisticamente significantes para as atitudes preconceituosas entre respondentes do corpo técnico e administrativo das escolas, de acordo com sua localização, exceto para as étnico-raciais (3 pontos percentuais) e, principalmente, de gênero (6 pontos percentuais), que apresentam maiores níveis de preconceito para as atitudes em escolas rurais e menores níveis em escolas urbanas da capital.

As tabelas, a seguir, apresentam os resultados referentes à distância social em relação aos grupos pesquisados, por localização da escola.

Tabela 40 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por localização da escola (Alunos)

Grupo Social	Distância Social - IPCD (%)			Significância estatística da diferença			
	Urbana Capital (C)	Urbana Interior (I)	Rural (R)	Total	C / I	C / R	I / R
Pobre	70	67	65	0,000	0,000	0,001	0,241
Negro	60	60	62	0,328	0,993	0,348	0,344
Índio	69	69	65	0,103	0,351	0,153	0,390
Cigano	79	79	73	0,001	0,859	0,002	0,002
Homossexual	80	80	79	0,455	0,480	0,793	0,986
Morador da periferia/favela	67	68	66	0,840	0,940	0,943	0,876
Morador de área rural	66	60	57	0,000	0,000	0,000	0,018
Deficiente físico	70	68	70	0,000	0,000	0,982	0,155
Deficiente mental	81	79	78	0,000	0,000	0,058	0,953
Geral	71	70	68	0,000	0,000	0,009	0,516

Entre os alunos, verifica-se que há diferenças em função da localização da escola para a distância social em relação a pessoas pobres, ciganos, moradores de áreas rurais e deficientes físicos e mentais, que apresentam maiores valores para o índice percentual de distância social entre os respondentes de escolas urbanas das capitais e os menores valores entre os respondentes de escolas rurais.

A principal diferença verificada (9 pontos percentuais) se refere à distância social em relação a moradores da área rural (66% em escolas urbanas das capitais, 60% em escolas urbanas do interior e 57% em escolas rurais). Novamente, as menores diferenças são observadas para a distância social em relação a deficientes físicos (2 pontos percentuais) e deficientes mentais (3 pontos percentuais).

Tabela 41 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por localização da escola (Corpo técnico e administrativo)

Grupo Social	Distância Social – IPCD (%)			Significância estatística da diferença			
	Urbana Capital (C)	Urbana Interior (I)	Rural (R)	Total	C / I	C / R	I / R
Pobre	60	71	80	0,013	0,084	0,034	0,286
Negro	49	61	71	0,001	0,009	0,012	0,321
Índio	61	70	83	0,000	0,011	0,001	0,052
Cigano	73	80	85	0,000	0,002	0,010	0,410
Homossexual	68	78	86	0,000	0,000	0,001	0,241
Morador da periferia/favela	68	73	74	0,585	0,628	0,779	0,973
Morador de área rural	65	68	80	0,222	0,932	0,358	0,224
Deficiente físico	67	72	82	0,002	0,178	0,002	0,025
Deficiente mental	83	87	91	0,031	0,100	0,083	0,476
Geral	66	73	81	0,001	0,022	0,005	0,136

Nota-se que entre os respondentes do corpo técnico e administrativo das escolas pesquisadas, não há diferenças estatisticamente significantes em função da localização da escola apenas para a distância social em relação a moradores da periferia / favela e moradores da área rural.

Para o corpo técnico e administrativo observa-se que as diferenças para a distância social entre os grupos apresentam amplitudes maiores do que as verificadas nas análises anteriores (porte da escola e modalidade de ensino), com respondentes de escolas da área rural apresentando valores mais altos para a distância social em relação aos grupos sociais pesquisados, enquanto respondentes de escolas urbanas da capital apresentam as menores distâncias. As maiores diferenças dizem respeito à distância social em relação a negros (22 pontos percentuais, com 71% nas escolas rurais e 49% nas urbanas das capitais), índios (22 pontos percentuais, com 83% e 61% respectivamente) e pobres (20 pontos percentuais, com 80% e 60%).

A menor diferença entre as escolas de acordo com a sua localização foi verificada para a distância social em relação a deficientes mentais (8 pontos percentuais, com 91% em escolas rurais e 83% em escolas urbanas das capitais).

As tabelas, a seguir, apresentam os resultados referentes ao conhecimento de situações de *bullying*, por localização da escola.

Tabela 42 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por localização da escola (Alunos)

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)			Significância estatística da diferença			
	Urbana Capital (C)	Urbana Interior (I)	Rural (R)	Total	C / I	C / R	I / R
Negro	13	12	12	0,000	0,000	0,000	0,093
Índio	3	3	4	0,558	0,582	0,999	0,916
Cigano	3	3	4	0,953	0,979	0,988	0,968
Homossexual	13	10	8	0,000	0,000	0,000	0,000
Deficiente físico	6	5	6	0,005	0,009	0,150	0,809
Deficiente mental	5	5	5	0,072	0,159	0,203	0,604
Pobre	11	12	13	0,562	0,915	0,565	0,652
Morador de periferia/favela	8	6	5	0,000	0,000	0,000	0,001
Morador de área rural	4	6	7	0,000	0,000	0,050	0,861
Idoso	10	9	9	0,003	0,006	0,095	0,713
Mulher	10	9	10	0,027	0,058	0,165	0,661
Geral	9	9	8	0,000	0,001	0,000	0,046

A maior diferença observada indica que alunos de escolas urbanas nas capitais demonstram maior conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* em que as vítimas são homossexuais (12%) do que alunos de escolas urbanas do interior (10%) e de escolas rurais (8%).

As menores diferenças (com no máximo 1 ponto percentual) indicam que é praticamente igual entre escolas rurais, escolas das capitais e do interior o grau de conhecimento de situações de *bullying* em que as vítimas são pessoas negras, deficientes, idosos e mulheres.

Tabela 43 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por localização da escola (Corpo técnico e administrativo)

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)			Significância estatística da diferença			
	Urbana Capital (C)	Urbana Interior (I)	Rural (R)	Total	C / I	C / R	I / R
Negro	7	6	5	0,107	0,191	0,246	0,723
Índio	0	0	1	0,037	0,200	0,584	0,116
Cigano	0	0	1	0,440	0,995	0,473	0,459
Homossexual	10	7	3	0,000	0,001	0,000	0,005
Deficiente físico	2	2	3	0,054	0,059	0,439	0,996
Deficiente mental	3	2	2	0,035	0,052	0,218	0,861
Pobre	5	6	5	0,812	1,000	0,839	0,814
Morador de periferia/favela	4	4	2	0,023	0,150	0,041	0,258
Morador de área rural	1	1	2	0,156	0,156	0,768	0,965
Idoso	7	6	5	0,009	0,026	0,057	0,547
Mulher	7	5	3	0,000	0,003	0,005	0,265
Geral	5	5	4	0,001	0,008	0,005	0,190

Entre os respondentes do corpo técnico e administrativo das escolas nota-se que a maior diferença entre escolas rurais, urbanas das capitais e urbanas do interior também se refere ao *bullying* no qual as vítimas são homossexuais, com 10% para a média do índice de conhecimento de tais situações nas escolas urbanas das capitais, 7% em escolas urbanas do interior e 3% nas escolas rurais. Em seguida, verifica-se que também há conhecimento um pouco maior de *bullying* onde as vítimas são mulheres em escolas urbanas das capitais (7%) e menor em escolas rurais (3%).

As diferenças relacionadas ao *bullying* que vitima pessoas dos demais grupos sociais se mostram bastante reduzidas em amplitude, indicando que o nível de conhecimento sobre a ocorrência de tais situações é muito próximo nas escolas urbanas das capitais, do interior e nas escolas rurais.

4.9. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* no Ambiente Escolar por Acesso a Meios de Informação

Nesta seção são apresentados os resultados de acordo com o grau de acesso à mídia por parte dos respondentes da pesquisa (TV, rádio, jornais, revistas, internet). As tabelas a seguir apresentam, para cada agrupamento de respondentes de acordo com o seu nível de acesso aos meios de informação, as médias para o índice percentual de concordância com as frases que expressam atitudes preconceituosas.

Tabela 44 – Médias para o índice percentual de concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas por grau de acesso aos meios de informação (Alunos)

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa - IPC (%)				Significância estatística da diferença						
	Muito Baixo (m1)	Baixo (m2)	Alto (m3)	Total (m4)	Total	m1 / m2	m1 / m3	m1 / m4	m2 / m3	m2 / m4	m3 / m4
Étnico Racial	26	24	22	20	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
Deficiência	36	34	32	30	0,000	0,038	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
Gênero	43	41	38	35	0,000	0,039	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
Geracional	41	40	37	35	0,000	0,984	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
Socioeconômica	28	26	25	23	0,000	0,317	0,002	0,000	0,107	0,000	0,002
Territorial	24	22	20	19	0,000	0,269	0,000	0,000	0,047	0,000	0,001
Orientação sexual	28	28	26	24	0,000	0,823	0,000	0,000	0,000	0,000	0,002
Geral	31	29	27	25	0,000	0,018	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000

Para todas as áreas temáticas, quanto maior o nível de acesso a meios de informação dos respondentes, menor a média para os valores do índice de concordância com as frases que expressam atitudes preconceituosas entre os alunos pesquisados. As maiores diferenças são observadas para as áreas temáticas de gênero (8 pontos percentuais entre os níveis mais alto e mais baixo de acesso aos meios de informação), deficiência, étnico racial e geracional (6 pontos percentuais de diferença entre os extremos para o nível de acesso aos meios de informação).

A menor diferença entre as categorias extremas em termos de nível de acesso aos meios de informação foi observada para a área temática referente ao preconceito em relação à orientação sexual.

Tabela 45 – Médias para o índice percentual de concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas por grau de acesso aos meios de informação (Corpo técnico e administrativo)

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa - IPC (%)				Significância estatística da diferença						
	Muito Baixo (m1)	Baixo (m2)	Alto (m3)	Total (m4)	Total	m1 / m2	m1 / m3	m1 / m4	m2 / m3	m2 / m4	m3 / m4
Étnico Racial	10	12	10	7	0,000	0,988	0,601	0,046	0,474	0,000	0,002
Deficiência	19	21	22	16	0,000	0,669	0,517	0,022	0,996	0,033	0,001
Gênero	31	25	22	17	0,000	0,992	0,731	0,053	0,637	0,000	0,000
Geracional	21	26	29	23	0,000	0,998	1,000	0,652	0,994	0,082	0,005
Socioeconômica	13	16	18	12	0,000	0,998	0,823	0,245	0,699	0,019	0,041
Territorial	7	10	9	5	0,000	0,782	0,570	0,046	0,974	0,040	0,003
Orientação sexual	17	16	13	9	0,000	0,470	0,139	0,002	0,799	0,006	0,002
Geral	15	17	16	11	0,000	0,889	0,470	0,009	0,706	0,000	0,000

Para os respondentes do corpo técnico e administrativo das escolas, nota-se que a amplitude das diferenças é ainda maior em função do grau de acesso aos meios de informação. A maior diferença (14 pontos percentuais) também é observada para o preconceito de gênero, com 31% para o índice percentual de atitudes preconceituosas entre os respondentes com mais baixo acesso aos meios de informação e 17% entre os respondentes com acesso total a os meios de informação.

Em seguida, com 8 pontos percentuais de diferença, estão as áreas temáticas relativas ao preconceito em relação à orientação sexual (17% entre os de mais baixo acesso e 9% entre os de acesso total aos meios de informação).

As menores diferenças foram observadas no nível de preconceito de ordem étnico racial (7% para os respondentes com acesso total aos meios de informação e 10%

e 12%, respectivamente, para respondentes com níveis mais baixos de acesso) e territorial (5% para respondentes com acesso total e 10% para respondentes com baixo grau de acesso aos meios de informação).

As tabelas, a seguir, apresentam os valores médios obtidos para o índice percentual de distância social em relação para cada agrupamento de respondentes de acordo com o seu grau de acesso aos meios de informação.

Tabela 46 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por grau de acesso aos meios de informação (Alunos)

Grupo Social	Distância Social – IPCD (%)				Significância estatística da diferença						
	Muito Baixo (m1)	Baixo (m2)	Alto (m3)	Total (m4)	Total	m1 / m2	m1 / m3	m1 / m4	m2 / m3	m2 / m4	m3 / m4
Pobre	67	69	68	66	0,000	0,025	0,684	0,981	0,169	0,002	0,327
Negro	60	61	60	58	0,005	0,956	0,975	0,117	0,658	0,006	0,132
Índio	68	69	69	68	0,074	0,490	0,873	0,938	0,856	0,102	0,413
Cigano	77	80	78	78	0,000	0,000	0,135	0,900	0,154	0,003	0,404
Homossexual	80	81	80	79	0,001	0,063	0,912	0,968	0,118	0,005	0,574
Morador da periferia/favela	65	68	68	68	0,005	0,011	0,018	0,086	0,999	0,941	0,974
Morador de área rural	56	62	62	64	0,000	0,000	0,000	0,000	1,000	0,611	0,565
Deficiente físico	68	69	69	68	0,009	0,056	0,337	0,997	0,743	0,053	0,377
Deficiente mental	80	80	79	78	0,000	0,280	0,997	0,323	0,212	0,000	0,106
Geral	69	71	70	70	0,000	0,000	0,028	0,737	0,251	0,002	0,259

Nota-se que embora haja diferenças para a distância social que os alunos estão predispostos a estabelecer com os grupos sociais pesquisados em função do seu grau de acesso aos meios de informação, essa diferença é, em geral, menor do que a verificada para as atitudes preconceituosas, não ultrapassando os 3 pontos percentuais. A exceção é a distância social em relação a moradores de áreas rurais que apresenta valores mais baixos para o índice percentual de distância social entre os respondentes de mais baixo acesso aos meios de informação (56%), enquanto respondentes com maior acesso

apresentam maiores valores para as médias do índice percentual de distância social (62%, 62% e 64%, respectivamente).

Tabela 47 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por grau de acesso aos meios de informação (Corpo técnico e administrativo)

Grupo Social	Distância Social – IPCD (%)				Significância estatística da diferença						
	Muito Baixo (m1)	Baixo (m2)	Alto (m3)	Total (m4)	Total	m1 / m2	m1 / m3	m1 / m4	m2 / m3	m2 / m4	m3 / m4
Pobre	82	81	73	69	0,008	0,887	1,000	0,907	0,601	0,040	0,208
Negro	63	78	65	58	0,002	0,312	0,933	1,000	0,161	0,004	0,365
Índio	82	83	74	69	0,008	0,863	0,973	0,975	0,903	0,096	0,076
Cigano	94	84	81	78	0,115	0,968	0,880	0,559	0,979	0,517	0,460
Homossexual	79	87	82	76	0,034	0,876	0,987	0,986	0,861	0,149	0,218
Morador da periferia/favela	75	83	69	72	0,152	0,935	0,962	0,963	0,248	0,175	1,000
Morador de área rural	79	79	73	68	0,153	0,871	0,996	0,997	0,756	0,243	0,640
Deficiente físico	82	82	74	72	0,033	0,992	0,929	0,723	0,427	0,072	0,676
Deficiente mental	95	89	87	86	0,803	0,999	0,942	0,941	0,912	0,896	1,000
Geral	81	83	75	72	0,120	0,990	0,992	0,887	0,741	0,228	0,634

Percebe-se que um número menor de grupos sociais que apresentam diferenças estatisticamente significantes para a distância social dos respondentes do corpo técnico e administrativo das escolas, em função do grau de acesso aos meios de informação. As principais diferenças observadas indicam que respondentes do corpo técnico e administrativo com baixo acesso aos meios de informação apresentam maiores valores médios do que aqueles que têm acesso total à mídia para a distância social em relação a negros (78% entre os que têm baixo acesso e 69% entre os de total acesso), índios (83% e 69%, respectivamente) e pobres (81% e 69%).

A tabela, a seguir, apresenta os valores médios obtidos para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* em relação aos diversos grupos sociais pesquisados para cada agrupamento de respondentes de acordo com o seu grau de acesso aos meios de informação.

Tabela 48 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por grau de acesso aos meios de informação (Alunos)

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)				Significância estatística da diferença						
	Muito Baixo (m1)	Baixo (m2)	Alto (m3)	Total (m4)	Total	m1 / m2	m1 / m3	m1 / m4	m2 / m3	m2 / m4	m3 / m4
Negro	10	12	13	12	0,000	0,000	0,000	0,000	0,138	0,952	0,506
Índio	4	4	3	3	0,646	1,000	0,945	0,781	0,943	0,741	0,958
Cigano	3	4	3	3	0,390	0,956	0,988	0,860	0,726	0,428	0,941
Homossexual	8	11	11	11	0,000	0,000	0,000	0,000	0,075	0,501	0,876
Deficiente físico	5	6	6	5	0,083	0,497	0,148	0,950	0,823	0,800	0,328
Deficiente mental	5	5	5	5	0,418	0,797	0,498	0,976	0,932	0,955	0,715
Pobre	10	12	12	12	0,000	0,001	0,000	0,008	0,438	0,976	0,290
Morador de periferia/favela	5	7	7	7	0,000	0,003	0,000	0,001	0,477	0,930	0,905
Morador de área rural	6	6	6	5	0,294	0,816	0,852	0,312	1,000	0,709	0,662
Idoso	8	9	9	9	0,028	0,170	0,034	0,147	0,857	0,994	0,967
Mulher	9	9	9	9	0,071	0,307	0,072	0,387	0,837	1,000	0,864
Geral	8	9	9	9	0,000	0,000	0,000	0,000	0,445	0,977	0,792

Os resultados revelam que há diferenças de médias estatisticamente significantes para o conhecimento de situações de *bullying* entre os agrupamentos de alunos classificados de acordo com o acesso aos meios de informação, apenas para o *bullying* em que as vítimas são pessoas negras, homossexuais, pobres e moradores de periferia/favela.

As diferenças observadas indicam que respondentes com o nível mais baixo de acesso aos meios de informação demonstram conhecer menos a ocorrência deste tipo de situação. É importante ressaltar, no entanto, que essas diferenças apresentam pequena amplitude, variando em torno de 2 e 3 pontos percentuais.

Tabela 49 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por grau de acesso aos meios de informação (Corpo técnico e administrativo)

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)				Significância estatística da diferença						
	Muito Baixo (m1)	Baixo (m2)	Alto (m3)	Total (m4)	Total	m1 / m2	m1 / m3	m1 / m4	m2 / m3	m2 / m4	m3 / m4
Negro	4	5	6	6	0,575	0,976	0,932	0,809	0,995	0,881	0,882
Índio	2	0	1	1	0,760	0,837	0,874	0,792	0,995	1,000	0,982
Cigano	2	0	1	0	0,242	0,387	0,793	0,560	0,565	0,834	0,783
Homossexual	4	5	7	7	0,472	0,995	0,994	0,900	1,000	0,879	0,645
Deficiente físico	4	2	2	2	0,547	0,992	0,775	0,866	0,718	0,858	0,933
Deficiente mental	2	1	3	2	0,799	0,874	0,872	0,930	1,000	0,973	0,958
Pobre	6	5	7	5	0,787	1,000	0,978	1,000	0,960	1,000	0,795
Morador de periferia/favela	9	2	4	3	0,569	0,813	0,996	0,972	0,619	0,760	0,938
Morador de área rural	5	1	2	1	0,146	0,464	0,928	0,641	0,390	0,849	0,448
Idoso	6	4	6	6	0,748	0,983	1,000	0,999	0,871	0,753	0,996
Mulher	3	5	6	5	0,620	0,944	0,891	0,985	0,998	0,963	0,709
Geral	5	3	5	4	0,939	0,997	1,000	1,000	0,966	0,940	1,000

Entre os respondentes do corpo técnico e administrativo, no entanto, não foram verificadas diferenças estatisticamente significantes para as diferenças de média para o conhecimento de situações de *bullying* em relação aos grupos sociais pesquisados de acordo com o grau de acesso aos meios de informação.

4.10. Análises das Relações entre os tipos de Preconceito, Distância Social e Práticas Discriminatórias nas Escolas

Para cada uma das 501 escolas que compuseram a amostra da pesquisa foram calculados escores médios de preconceito para cada área temática. Em seguida, foram calculadas as matrizes de correlação entre os escores médios de preconceito nas escolas utilizando o coeficiente de correlação de *Pearson*, com o propósito de avaliar as relações entre eles, identificando a força e a direção destas.

As células das tabelas, a seguir, apresentam os coeficientes de correlação entre as áreas temáticas de preconceito, tomadas duas a duas (cada célula apresenta o grau de correlação entre duas áreas temáticas). Esses coeficientes variam entre 0 e 1 e quanto maior o seu valor, mais forte é a correlação entre os dois indicadores analisados. Uma correlação forte entre duas áreas temáticas étnico racial e socioeconômica, por exemplo, indica que o preconceito relacionado a questões étnico-raciais caminha conjuntamente com o preconceito relacionado a questões socioeconômicas, ou seja, em escolas onde é forte o preconceito étnico racial, de maneira geral, é forte também o preconceito de natureza socioeconômica.

Tabela 50 – Correlação entre as médias para os índices (IPC%) para as áreas temáticas de preconceito nas escolas (Alunos)

Área Temática de Preconceito	Étnico racial	Defic.	Gênero	Gerac.	Sócio-econômica	Territ.	Orientação Sexual
Étnico racial	1,000	0,831	0,784	0,679	0,828	0,873	0,749
Deficiência		1,000	0,739	0,742	0,764	0,774	0,735
Gênero			1,000	0,686	0,645	0,675	0,658
Geracional				1,000	0,673	0,623	0,654
Socioeconômica					1,000	0,843	0,721
Territorial						1,000	0,686
Orientação sexual							1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$.

Tabela 51 – Correlação entre as médias para os índices (IPC%) para as áreas temáticas de preconceito nas escolas (Corpo técnico e administrativo)

Área Temática de Preconceito	Étnico racial	Defic.	Gênero	Gerac.	Sócio-econômica	Territ.	Orientação Sexual
Étnico racial	1,000	0,686	0,587	0,536	0,628	0,719	0,667
Deficiência		1,000	0,530	0,553	0,589	0,561	0,596
Gênero			1,000	0,511	0,457	0,555	0,545
Geracional				1,000	0,556	0,476	0,535
Socioeconômica					1,000	0,594	0,497
Territorial						1,000	0,563
Orientação sexual							1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$.

Os resultados dos coeficientes de correlação obtidos evidenciam que todas as áreas temáticas de preconceito se mostram fortemente correlacionadas entre si, quando tomadas duas a duas, tanto no que se refere ao preconceito dos alunos quanto dos respondentes do corpo técnico e administrativo nas escolas. Nota-se que as correlações são um pouco mais fortes para os preconceitos observados entre os alunos (coeficientes iguais ou maiores que 0,623).

Ainda que todas as relações tenham se mostrado estatisticamente significativas, as relações mais fortes observadas entre os alunos foram entre os preconceitos étnico racial e territorial, socioeconômico e territorial, étnico racial e em relação a portadores de deficiências, e étnico racial e socioeconômica. Entre respondentes do corpo técnico e administrativo das escolas as relações mais fortes foram verificadas para os preconceitos étnico racial e territorial, étnico racial e em relação a portadores de deficiências, étnico racial e em relação à orientação sexual e étnico racial e socioeconômico.

As tabelas a seguir apresentam os valores para os coeficientes de correlação de *Pearson* entre os índices de distância social em relação aos diversos grupos sociais da pesquisa.

Tabela 52 – Correlação entre as médias para os índices (IPCD%) de distância social nas escolas (Alunos)

Grupo Social	Pobre	Negro	Índio	Cigano	Homossexual	Periferia/favela	Área rural	Defic. físico	Defic. mental
Pobre	1,000	0,608	0,589	0,474	0,414	0,521	0,609	0,485	0,378
Negro		1,000	0,619	0,453	0,443	0,537	0,543	0,531	0,381
Índio			1,000	0,489	0,439	0,559	0,504	0,505	0,429
Cigano				1,000	0,509	0,537	0,476	0,500	0,481
Homossexual					1,000	0,420	0,388	0,504	0,467
Morador da periferia/favela						1,000	0,552	0,583	0,471
Morador de área rural							1,000	0,566	0,460
Deficiente físico								1,000	0,577
Deficiente mental									1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$.

Tabela 53 – Correlação entre as médias para os índices (IPCD%) de distância social nas escolas (Corpo técnico e administrativo)

Grupo Social	Pobre	Negro	Índio	Cigano	Homossexual	Periferia/favela	Área rural	Defic. físico	Defic. mental
Pobre	1,000	0,758	0,731	0,650	0,610	0,680	0,645	0,668	0,507
Negro		1,000	0,745	0,609	0,640	0,674	0,634	0,655	0,497
Índio			1,000	0,761	0,693	0,732	0,683	0,710	0,560
Cigano				1,000	0,666	0,698	0,581	0,659	0,604
Homossexual					1,000	0,668	0,639	0,630	0,566
Morador da periferia/favela						1,000	0,708	0,725	0,553
Morador de área rural							1,000	0,692	0,513
Deficiente físico								1,000	0,585
Deficiente mental									1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$.

Os resultados dos coeficientes de correlação obtidos indicam que os escores de distância social em relação a todos os grupos sociais pesquisados se mostram bastante correlacionadas entre si, quando tomados dois a dois. Nota-se que as correlações são mais fortes para as distâncias sociais apresentadas pelos respondentes do corpo técnico e administrativo das escolas (coeficientes iguais ou maiores que 0,497).

As tabelas, a seguir, apresentam os valores para os coeficientes de correlação de *Pearson* entre os índices de conhecimento de situações de *bullying* para os diversos grupos sociais vitimados por essas situações.

Tabela 54 – Correlação entre as médias para os índices (IPCSB%) de conhecimento de situações de *bullying* nas escolas (Alunos)

Grupo Social	Negro	Índio	Cigano	Homossexual	Def. fís.	Def. ment.	Pobre	Perif. / favela	Área rural	Idoso	Mulher
Negro	1,000	0,717	0,669	0,757	0,769	0,756	0,883	0,786	0,703	0,832	0,830
Índio		1,000	0,915	0,626	0,828	0,817	0,705	0,714	0,785	0,745	0,759
Cigano			1,000	0,600	0,794	0,802	0,665	0,695	0,763	0,699	0,718
Homossexual				1,000	0,655	0,639	0,733	0,732	0,538	0,711	0,701
Deficiente físico					1,000	0,907	0,780	0,744	0,782	0,791	0,793
Deficiente mental						1,000	0,763	0,729	0,771	0,769	0,768
Pobre							1,000	0,773	0,784	0,857	0,865
Morador de periferia/favela								1,000	0,681	0,789	0,777
Morador de área rural									1,000	0,745	0,767
Idoso										1,000	0,877
Mulher											1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$.

Tabela 55 – Correlação entre as médias para os índices (IPCSB%) de conhecimento de situações de *bullying* nas escolas (Corpo técnico e administrativo)

Grupo Social	Negro	Índio	Cigano	Homossexual	Def. fís.	Def. ment.	Pobre	Perif. / favela	Área rural	Idoso	Mulher
Negro	1,000	0,458	0,388	0,640	0,542	0,487	0,749	0,680	0,522	0,638	0,628
Índio		1,000	0,849	0,375	0,511	0,512	0,454	0,461	0,589	0,412	0,402
Cigano			1,000	0,337	0,480	0,500	0,402	0,431	0,617	0,358	0,364
Homossexual				1,000	0,516	0,474	0,589	0,595	0,427	0,556	0,523
Deficiente físico					1,000	0,709	0,560	0,557	0,456	0,527	0,501
Deficiente mental						1,000	0,559	0,534	0,532	0,491	0,468
Pobre							1,000	0,796	0,587	0,646	0,641
Morador de periferia/favela								1,000	0,552	0,629	0,598
Morador de área rural									1,000	0,466	0,491
Idoso										1,000	0,713
Mulher											1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$.

Os resultados dos coeficientes de correlação obtidos indicam que os escores de conhecimento de situações de *bullying* para os diversos grupos sociais vitimados por essas situações também se mostram fortemente correlacionadas entre si, quando tomados dois a dois, especialmente para o conhecimento dos alunos acerca da ocorrência dessas situações na escola (coeficientes iguais ou maiores que 0,600 entre os alunos).

Em adição à análise de correlações de Pearson, foi aplicada a técnica de regressão linear múltipla com o objetivo de verificar as variações nas variáveis e dimensões de atitudes e de distância social que estão mais relacionadas com a variação no conhecimento da ocorrência de práticas discriminatórias ofensivas (*bullying*) nas escolas.

Nota-se que, dentre as variáveis analisadas, variações na atitude preconceituosa dos alunos apresentam maior poder de explicação nas variações do conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* nas escolas. Ou seja, escolas em que os alunos apresentam maior nível de atitude preconceituosa tendem a apresentar maiores níveis de conhecimento da ocorrência de práticas discriminatórias ofensivas. Em seguida, entretanto com peso relativo bastante inferior, está a distância social destes mesmos alunos em relação aos grupos sociais da pesquisa. Estes resultados sugerem que as variações nas atitudes preconceituosas e na distância social dos alunos em relação aos grupos sociais pesquisados estão mais fortemente relacionadas com variações no conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* na escola, do que as atitudes e a distância social dos demais agrupamentos de atores que participam do ambiente escolar.

É importante ressaltar que estes resultados indicam apenas como estes fenômenos – atitude preconceituosa e distância social – estão relacionados com as práticas discriminatórias conhecidas na escola. Não é possível, no entanto estabelecer relações de causalidade entre eles, ou seja, é possível afirmar que o preconceito entre os alunos e o *bullying* caminham conjuntamente, havendo maior incidência de práticas discriminatórias em escolas em que os alunos apresentam atitude mais preconceituosa.

Não se pode afirmar, no entanto, que estas práticas são consequência do preconceito verificado entre os alunos.

Os resultados indicam que o conjunto de atitudes preconceituosas e as distâncias sociais dos diversos públicos alvo da pesquisa são capazes de explicar cerca de 18% da variação do conhecimento de situações discriminatórias nas escolas.

A tabela a seguir apresenta o peso relativo (Beta Padronizado) de cada variável de preconceito e distância social dos públicos alvo da pesquisa na explicação da variação do grau de conhecimento da ocorrência de práticas discriminatórias ofensivas na escola.

Tabela 56 – Relação entre variações no Preconceito e na Distância Social e a variação no Grau de Conhecimento de Situações de *Bullying* nas Escolas
($R^2 = 18,2\%$)

Variável	Beta Padronizado	Sig.
Atitude dos Alunos	0,427	0,000
Distância Social dos Alunos	0,079	0,000
Atitude dos Professores	0,024	0,000
Distância Social dos Pais	0,024	0,000
Distância Social dos Funcionários	0,000	0,971
Distância Social dos Professores	-0,005	0,060
Atitude dos Diretores	-0,038	0,000
Atitude dos Funcionários	-0,052	0,000
Distância Social dos Diretores	-0,060	0,000
Atitude dos Pais	-0,080	0,000

(*) não significativos a $p < 0,05$.

4.11. Análise dos Fatores Associados ao Preconceito e à Discriminação no Ambiente Escolar

Com o objetivo de estudar a influência de características intrínsecas dos alunos e das escolas no preconceito e na distância social apresentados por alunos do ensino fundamental, médio e de educação de jovens e adultos, utilizou-se técnica denominada modelo linear hierárquico (HLM).

A utilização desta técnica evidenciou que as características intrínsecas dos alunos (idade, gênero etc.) influenciam mais fortemente as diferenças verificadas para os níveis de preconceito e de distância social que apresentam em relação aos grupos sociais pesquisados. Somente uma pequena parcela dessa variação pode ser atribuída às características das escolas (região, localização etc.). Essa parcela é ainda menor para as diferenças observadas para os níveis de distância social.

Tabela 57 – Partição da variância em características intrínsecas de alunos e escolas

Variáveis	Aluno	Escola
Preconceito		
Étnico racial	80,9%	19,1%
Deficiência	86,1%	13,9%
Gênero	86,2%	13,8%
Geracional	90,7%	9,3%
Socioeconômica	89,0%	11,0%
Territorial	82,2%	17,8%
Orientação Sexual	89,1%	10,9%
Geral	83,8%	16,2%
Distância Social		
Pobre	93,1%	6,9%
Negro	92,6%	7,4%
Índio	95,9%	4,1%
Cigano	95,0%	5,0%
Homossexual	96,1%	3,9%
Morador de Periferia / Favela	95,0%	5,0%
Morador de Área Rural	90,6%	9,4%
Deficiente físico	95,2%	4,8%
Deficiente mental	95,7%	4,3%
Geral	91,6%	8,4%

As tabelas a seguir apresentam o grau de influência das características específicas dos alunos e das escolas no preconceito e na distância social verificados entre os alunos.

Os resultados revelam que os indicadores de distância em relação a todos os grupos sociais apresentam variações com a idade dos alunos. Quanto mais velhos,

menor a distância social em relação aos grupos pesquisados. Os indicadores para os quais a idade apresenta a maior influência são: a distância social em relação aos moradores da área rural (a cada dez anos que o aluno envelhece, a distância social se reduz em 4%); negros (redução de 3% a cada dez anos); ciganos (3%); moradores da periferia (3%); e deficientes físicos (3%).

O incremento no acesso a mídia, por sua vez, reduz a distância social geral e aquela em relação a homossexuais e deficientes mentais. Contudo, a cada ponto de incremento (escala de 1 a 9) no acesso à mídia, a distância social em relação a moradores da área rural aumenta de 0,7%.

Uma participação religiosa mais intensa dos alunos aumenta em cerca de 2% a distância social em relação a pobres e moradores da periferia. No entanto, reduz em cerca de 2% a distância social em relação a deficientes mentais.

Em relação ao gênero do aluno, nota-se que respondentes do sexo masculino apresentam valores 3,3% maiores dos que os do sexo feminino para a distância social em relação a negros, 2,1% maiores em relação a deficientes físicos, 1,5% em relação a deficientes mentais, além da maior variação verificada dentre todas as características dos alunos para distância social: 10,7% a mais em relação aos homossexuais do que as alunas. No entanto, os respondentes do sexo feminino apresentam distâncias sociais maiores que os do sexo masculino em relação a índios (4,6%), ciganos (1,9%) e moradores da periferia (4,9%).

No tocante à cor / etnia dos alunos, nota-se que, de maneira geral, os alunos que se percebem como brancos apresentam valores maiores para os índices de distância social do que aqueles que se percebem de outra cor ou etnia. Os alunos que se percebem como pretos apresentam, na média, os menores valores para estes indicadores. As maiores diferenças em relação aos brancos são: alunos pretos apresentam valores 14,9% mais baixos para a distância social em relação a negros, 8,4% em relação a moradores da periferia, 8,2% em relação a índios e 7,6% em relação a pobres; os respondentes amarelos ou orientais apresentam valores 10,4% mais baixos que os brancos para a

distância social em relação a moradores de áreas rurais e 5% a menos em relação a negros.

Tabela 58 – Estimativas da variação dos índices de distância social em função de características dos alunos

Variável	Porcentagem de variação da Distância Social									
	Geral	Pobre	Negro	Índio	Cigano	Homos- sexual	Perif.	Área rural	Def. Fis.	Def. Men.
Acesso à mídia (níveis entre 1 e 9)	-0,3%	-	-	-	-	-0,3%	-	0,7%	-	-0,4%
Idade	-0,2%	-0,2%	-0,3%	-0,2%	-0,3%	-0,2%	-0,3%	-0,4%	-0,3%	-0,1%
Alta participação religiosa (base de comparação: baixa)	-	1,9%	-	-	-	-	2,0%	-	-	-1,8%
Gênero (base: feminino)	1,3%	-	3,3%	-4,6%	-1,9%	10,7%	-4,9%	-	2,1%	1,5%
Cor / Etnia (base: branco)										
Amarelo	-0,8%	-0,8%	-5,0%	-3,3%	0,2%	-1,0%	-2,3%	-10,4%	-3,2%	-
Preto	-5,5%	-7,6%	-14,9%	-8,2%	-4,4%	-3,7%	-8,4%	-5,3%	-6,4%	-
Outros	-1,4%	-2,0%	-4,1%	-2,2%	-0,8%	-1,0%	-3,5%	-0,8%	-1,1%	-

No tocante às variáveis da escola, verifica-se que as características demográficas do diretor tem pequena influência na distância social dos alunos. A principal variação verificada é a redução de 6,1% na distância social dos alunos em relação a moradores da periferia em escolas em que o diretor é de cor preta, quando comparado com escolas em que o diretor é de cor branca.

Nota-se que escolas localizadas nas regiões Centro Oeste e Sul apresentam maiores distâncias sociais do que escolas da região Sudeste para praticamente todos os indicadores, exceto para a distância social em relação a moradores de áreas rurais. As maiores diferenças verificadas indicam que em escolas da região Sul as distâncias

sociais em relação a índios e negros são 5% e 4,4% maiores, respectivamente, do que as verificadas entre alunos da região Sudeste e na região Centro Oeste as distâncias sociais em relação a moradores da periferia e a negros são 4,4% e 3,9% maiores.

As escolas das Regiões Norte e Nordeste, por sua vez apresentam distâncias sociais menores do que as escolas da Região Sudeste, para quase todos os indicadores, exceto para aqueles que exprimem a distância social em relação a negros e índios. As principais diferenças indicam que estas escolas apresentam redução da distância social em relação a moradores de áreas rurais de 6,9% na região Nordeste e 5,1% na região Norte, quando comparadas com a região Sudeste.

Escolas que não estão localizadas nas capitais, sejam elas urbanas ou rurais, apresentam menores valores do que as escolas das capitais para quase todos os indicadores de distância social. Destacam-se as reduções de 9,2% e 6,6% nas escolas rurais e urbanas fora das capitais, respectivamente, para a distância social em relação a moradores de áreas rurais, e de 5,8% em escolas rurais para a distância social em relação a pobres.

Tabela 59 – Estimativas da variação dos índices de distância social em função de características das escolas

Variável	Porcentagem de variação da Distância Social									
	Geral	Pobre	Negro	Índio	Cigano	Homos- sexual	Perif.	Área rural	Def. Fis.	Def. Men.
Idade do Diretor	0,1%	-	-	-	-	-	-	0,2%	-	-
Sexo do Diretor	-	-	-	-	2,1%	-	-	-	-	-
Tempo do Diretor	-	-	-	-	-	-	0,2%	-	-	-
Cor / Etnia Diretor (base: branco)										
Amarelo	-	-	-	-	-	-	-1,8%	-	-	-
Preto	-	-	-	-	-	-	-6,1%	-	-	-
Outros	-	-	-	-	-	-	-1,2%	-	-	-
Depend. Adm. (base: estadual / federal)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-1,5%

Variável	Porcentagem de variação da Distância Social									
	Geral	Pobre	Negro	Índio	Cigano	Homos- sexual	Perif.	Área rural	Def. Fis.	Def. Men.
Região (base: SE)										
CO	1,7%	-	3,9%	3,1%	1,1%	2,0%	4,4%	-1,5%	-	-
N	-0,6%	-	0,2%	2,3%	-2,2%	-1,5%	-1,2%	-5,1%	-	-
NE	-0,6%	-	2,0%	1,8%	-2,2%	-0,5%	-0,8%	-6,9%	-	-
S	1,9%	-	4,4%	5,0%	0,4%	2,4%	3,2%	-0,9%	-	-
Localização (base: capital)										
Não capital	-1,5%	-2,9%	-	-	-	-	-	-6,6%	-2,7%	-2,1%
Rural	-2,4%	-5,8%	-	-	-	-	-	-9,2%	-	-2,7%

A análise da influência das características dos alunos revela que as variáveis de acesso a meios de informação, de gênero e de cor / etnia dos alunos são os que estão mais relacionados às variações na atitude preconceituosa dos alunos.

O incremento no acesso a mídia reduz o preconceito observado entre os alunos em relação a todos os temas pesquisados. As principais variações observadas indicam: que a cada ponto de incremento (escala de 1 a 9) no acesso à mídia o preconceito de gênero apresenta redução de 1,1%; o preconceito relacionado à orientação sexual é reduzido de 1%; aquele em relação a pessoas com necessidades especiais e o de natureza geracional apresentam reduções de 0,9%; e o de natureza étnico racial de 0,7%.

Alunos com forte participação religiosa apresentam valores cerca de 2% maiores para o preconceito de gênero, geracional e territorial e de cerca de 6% maior para o preconceito em relação à orientação sexual.

Em relação ao gênero do aluno, nota-se que respondentes do sexo masculino apresentam valores maiores que os do sexo feminino para todos os temas de preconceito pesquisados. A maior diferença indica que o preconceito entre os alunos em relação à orientação sexual é 23% maior do que o verificado entre as alunas. Para os demais temas os alunos do sexo masculino apresentam valores entre 6,5% (gênero) e 9% (étnico racial) maiores do que os do sexo feminino.

No tocante à cor / etnia dos alunos, nota-se que, enquanto aqueles que se percebem pretos, mulatos, pardos, cafusos, caboclos e índios apresentam menores valores para os índices de preconceito do que os brancos, os respondentes orientais ou de cor amarela apresentam valores maiores que os brancos. Os respondentes orientais apresentam valores maiores especialmente para os preconceitos de natureza territorial (6,2% a mais do que os respondentes brancos), socioeconômico (5,2%) e étnico racial (4,1%). Enquanto os respondentes pretos apresentam menores valores para os preconceitos de natureza geracional (4,6% a menos do que os respondentes de cor branca), socioeconômica (4,1%) e étnico racial (3,6%).

Tabela 60 – Estimativas da variação dos índices de Atitude Preconceituosa em função de características dos alunos

Variável	Porcentagem de variação da Atitude Preconceituosa							
	Geral	Étnico racial	Necess. Espec.	Gênero	Gerac.	Socio-econômica	Territ.	Orient. Sexual
Acesso à mídia (1 a 9)	-0,8%	-0,7%	-0,9%	-1,1%	-0,9%	-0,6%	-0,5%	-1,0%
Idade	-	-	-	-0,1%	-	-	-	-0,2%
Participação religiosa (base: baixa)	2,3%	-	-	2,2%	2,1%	-	2,2%	6,1%
Sexo (base: feminino)	9,9%	8,9%	8,1%	6,5%	6,9%	7,7%	8,6%	23,0%
Cor / Etnia (base: branco)								
Amarelo	2,9%	4,1%	3,9%	-	1,4%	5,2%	6,2%	-
Preto	-3,5%	-3,6%	-2,7%	-	-4,6%	-4,1%	-2,0%	-
Outros	-0,4%	-0,5%	0,5%	-	-0,3%	-2,1%	0,4%	-

No tocante à influência de variáveis da escola no preconceito, verifica-se que as características demográficas do diretor tem pequena relação com a atitude preconceituosa dos alunos da escola, exceto pelo seu grau de acesso aos meios de informação. A cada ponto de incremento (em uma escala de 1 a 9) no acesso do diretor a meios de informação), notam-se reduções de 0,8% no preconceito étnico racial e de gênero dos alunos da escola, além de redução de 0,7% no preconceito geracional. Entretanto, este incremento está associado a forte aumento no preconceito territorial dos alunos, com 2,8% a cada ponto adicional no acesso a meios de informação.

Alunos de escolas municipais apresentam valores entre 4% e 6% maiores para as atitudes preconceituosas, quando comparados com os de escolas estaduais para praticamente todos os indicadores de preconceito, exceto pelo preconceito territorial, que é maior entre alunos de escolas estaduais (2,9% maior).

Os alunos de escolas das regiões Norte, Nordeste, Sul e Centro-Oeste apresentam atitudes mais preconceituosas para todas as áreas temáticas de preconceito quando comparados com os da região Sudeste. Nas escolas da região Nordeste os alunos apresentam as maiores variações no preconceito, quando comparados com os de escolas da região Sudeste, exceto pelo preconceito de natureza territorial que é menor nas escolas desta região do que nas demais (-0,6%). Alunos das escolas da região Sul, por sua vez, são os que apresentam as menores variações em relação àqueles de escolas da região Sudeste para os indicadores de preconceito, com exceção também ao indicador de preconceito territorial, cuja variação é maior para alunos dessa região, quando comparados aos da região Sudeste (10,3%). As maiores variações observadas são: o valor 10,4% maior entre alunos da região Nordeste para o preconceito de gênero; 10,3% maior para os da região Sul para o preconceito territorial; 9,8% e 9,3% maiores para alunos da região Nordeste para os preconceitos étnico racial e em relação a pessoas com necessidades especiais, respectivamente.

Alunos de escolas que não estão localizadas nas capitais, sejam elas urbanas ou rurais, apresentam menores valores do que aqueles de escolas das capitais para os preconceitos de natureza socioeconômica e territorial, entretanto, maiores valores para o preconceito étnico racial e de gênero.

Tabela 61 – Estimativas da variação dos índices de Atitude Preconceituosa em função de características das escolas

Variável	Porcentagem de variação da Atitude Preconceituosa							
	Geral	Étnico racial	Necess. Espec.	Gênero	Gerac.	Socio-econômica	Territ.	Orient. Sexual
Idade do Diretor	-	-	-	-	-	-	-	-
Sexo do Diretor	-	-	-	-	-	-	-	-
Tempo do Diretor	-	-	-	-	-	-	-	-
Acesso à mídia Diretor	-0,6%	-0,8%	-	-0,8%	-0,7%	-	2,8%	-

Variável	Porcentagem de variação da Atitude Preconceituosa							
	Geral	Étnico racial	Necess. Espec.	Gênero	Gerac.	Socio-econômica	Territ.	Orient. Sexual
Cor / Etnia Diretor (base: branco)								
Amarelo	-	-	-	-	-	-	-	-
Preto	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros	-	-	-	-	-	-	-	-
Dependência Adm. (base: est / fed)	4,9%	6,6%	4,4%	4,4%	4,7%	-	-2,9%	4,0%
Região (base: SE)								
CO	4,2%	5,6%	3,8%	4,4%	4,8%	5,1%	7,2%	5,3%
N	3,2%	6,4%	4,0%	2,8%	0,3%	3,6%	10,3%	3,3%
NE	8,2%	9,8%	9,3%	10,4%	6,0%	7,8%	-0,6%	6,3%
S	1,9%	1,8%	2,5%	0,7%	1,8%	2,4%	7,7%	4,7%
Localização (base: capital)								
Não capital	-	3,2%	-	5,0%	-	-2,8%	-3,8%	-
Rural	-	3,4%	-	1,3%	-	-3,9%	2,8%	-

4.12. Relação entre os Resultados da Prova Brasil 2007 e os Níveis de Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* no ambiente escolar

A Prova Brasil foi criada em 2005, a partir da necessidade de se tornar a avaliação mais detalhada, em complemento à avaliação já feita pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb). A Prova Brasil é censitária e por esta razão, expande o alcance dos resultados, uma vez que oferece dados não apenas para o Brasil e unidades da Federação, mas também para cada município e escola participante. A Prova Brasil avalia as habilidades em Língua Portuguesa (foco em leitura) e Matemática (foco na resolução de problemas) de todos os estudantes da rede pública urbana de ensino, de 4ª e 8ª séries do ensino fundamental.

Com o intuito de avaliar as relações entre os níveis de preconceito, de distância social e de conhecimento de práticas discriminatórias ofensivas no ambientes escolar e o desempenho dos alunos das escolas públicas brasileiras, foram realizadas análises

cruzando os resultados na Prova Brasil 2007 para cada escola urbana pesquisada e os resultados observados para os indicadores de preconceito e discriminação.

Inicialmente, as escolas urbanas entre as 501 escolas pesquisadas foram classificadas em grupos (quartis), de acordo com os valores médios observados para o índice de atitude preconceituosa dos seus alunos que responderam à pesquisa. Os quartis de mais baixa ordem representam escolas com menores valores médios para os índices de atitude preconceituosa. Por exemplo, o 1º quartil em termos de atitude preconceituosa reúne as escolas (cerca de 25%) que apresentaram as menores médias para o índice percentual de atitude preconceituosa entre seus respondentes, enquanto o 4º quartil reúne as escolas que apresentaram as maiores médias para a atitude preconceituosa de seus respondentes.

Foram então calculadas as médias para as avaliações da Prova Brasil (matemática e português para 8ª série) para cada um dos agrupamentos de escolas. À direita nas tabelas são apresentados os resultados para a significância estatística da diferença entre as médias para cada aspecto pesquisado, sendo que as células indicadas com a cor verde indicam que a diferença das médias é estatisticamente significativa a $p < 0,05$.

Tabela 62 – Médias dos resultados da Prova Brasil 2007 por atitude preconceituosa dos alunos (de 8ª série) nas escolas

Avaliação Prova Brasil 2007	Atitude Preconceituosa				Significância estatística da diferença						
	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil	Total	q1 q2	q1 q3	q1 q4	q2 q3	q2 q4	q3 q4
Matemática 8ª série	246	241	240	230	0,000	0,174	0,034	0,000	0,917	0,014	0,080
Português 8ª série	233	230	227	219	0,000	0,276	0,045	0,000	0,862	0,007	0,065

Os resultados indicam que escolas em que se observaram atitudes mais preconceituosas entre os alunos apresentaram avaliações mais baixas nas avaliações de matemática e português da Prova Brasil 2007.

Em seguida, as escolas pesquisadas foram classificadas em grupos de acordo com os valores médios observados para o índice de atitude preconceituosa do seu corpo técnico e administrativo (diretores e professores) e foram calculadas as médias para as avaliações da Prova Brasil para cada um dos novos agrupamentos.

Tabela 63 – Médias dos resultados da Prova Brasil 2007 por atitude preconceituosa dos respondentes do corpo técnico e administrativo nas escolas

Avaliação Prova Brasil 2007	Atitude Preconceituosa				Significância estatística da diferença						
	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil	Total	q1 q2	q1 q3	q1 q4	q2 q3	q2 q4	q3 q4
Matemática 8ª série	241	239	238	236	0,321	0,903	0,723	0,342	0,985	0,749	0,907
Português 8ª série	231	226	225	226	0,129	0,663	0,235	0,244	0,890	0,874	1,000

Os agrupamentos de escolas em que o corpo técnico e administrativo (diretores e professores pesquisados) possui atitude mais preconceituosa são os que apresentaram médias mais baixas para as avaliações nas avaliações de Matemática e Português da Prova Brasil 2007. É importante ressaltar, no entanto, que as diferenças das médias para essas avaliações entre os agrupamentos de escolas, de acordo com a atitude preconceituosa de seu corpo técnico e administrativo, não são significantes a $p < 0,05$.

As escolas foram também agrupadas de acordo com os valores médios da distância social, ou seja, da predisposição em estabelecer contatos sociais, que os alunos apresentam em relação aos grupos sociais pesquisados (os quartis de mais baixa ordem representam escolas com menores valores médios para a distância social dos alunos em relação aos grupos sociais pesquisados). A tabela, a seguir, apresenta as médias das avaliações na Prova Brasil para cada agrupamento de escolas.

Tabela 64 – Médias dos resultados da Prova Brasil 2007 por distância social dos alunos (de 8ª série) em relação aos grupos sociais pesquisados

Avaliação Prova Brasil 2007	Distância Social				Significância estatística da diferença						
	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil	Total	q1 q2	q1 q3	q1 q4	q2 q3	q2 q4	q3 q4
Matemática 8ª série	235	233	241	245	0,000	0,925	0,194	0,001	0,536	0,008	0,260
Português 8ª série	224	221	231	232	0,000	1,000	0,068	0,005	0,060	0,004	0,838

No agrupamento de escolas em que os alunos que responderam à pesquisa apresentaram maior distância social em relação aos grupos sociais pesquisados foram observadas maiores médias para as avaliações da Prova Brasil do que nas escolas com menores médias para a distância social.

Tabela 65 – Médias dos resultados da Prova Brasil 2007 por distância social dos respondentes do corpo técnico e administrativo das escolas em relação aos grupos sociais pesquisados

Avaliação Prova Brasil 2007	Distância Social				Significância estatística da diferença						
	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil	Total	q1 q2	q1 q3	q1 q4	q2 q3	q2 q4	q3 q4
Matemática 8ª série	242	238	238	236	0,380	0,911	0,439	0,655	0,849	0,961	0,991
Português 8ª série	230	225	227	226	0,395	0,744	0,421	0,754	0,960	1,000	0,961

Assim como se verificou em relação às atitudes preconceituosas, os agrupamentos de escolas classificados de acordo com a distância social dos respondentes de seu corpo técnico e administrativo, em relação aos grupos sociais pesquisados, não apresentaram diferenças significantes a $p < 0,05$ para as médias das avaliações na Prova Brasil 2007.

A tabela, a seguir, apresenta as médias das avaliações na Prova Brasil para cada agrupamento de escolas de acordo com o grau de conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* na escola por parte dos alunos que responderam à pesquisa.

Tabela 66 – Médias dos resultados da Prova Brasil 2007 por grau de conhecimento dos alunos da ocorrência de situações de *bullying* na escola

Avaliação Prova Brasil 2007	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i>				Significância estatística da diferença						
	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil	Total	q1 q2	q1 q3	q1 q4	q2 q3	q2 q4	q3 q4
Matemática 8ª série	238	242	243	231	0,005	1,000	0,995	0,085	0,993	0,050	0,019
Português 8ª série	226	232	230	219	0,000	0,948	0,900	0,047	0,999	0,003	0,001

Nota-se que há diferenças para as avaliações realizadas junto aos alunos da 8ª série. No agrupamento de escolas em que os alunos pesquisados apresentam os maiores níveis de conhecimento de situações de *bullying* na escola, os valores para as médias das avaliações na prova Brasil 2007 são menores do que nos demais grupos.

Tabela 67 – Médias dos resultados da Prova Brasil 2007 por grau de conhecimento dos respondentes do corpo técnico e administrativo sobre a ocorrência de situações de *bullying* na escola

Avaliação Prova Brasil 2007	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i>				Significância estatística da diferença						
	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil	Total	q1 q2	q1 q3	q1 q4	q2 q3	q2 q4	q3 q4
Matemática 8ª série	239	239	237	239	0,768	0,950	0,985	0,999	0,785	0,900	0,994
Português 8ª série	227	228	225	227	0,723	0,978	0,938	0,998	0,731	0,933	0,970

Os agrupamentos de escolas, classificadas de acordo com o grau de conhecimento do seu corpo técnico e administrativo sobre a ocorrência de situações de *bullying* no ambiente escolar não apresentaram diferenças estatisticamente significante a $p < 0,05$ para as avaliações da Prova Brasil 2007.

As tabelas, a seguir, apresentam os resultados das análises de correlação entre os escores observados nas escolas para as atitudes preconceituosas de respondentes do corpo técnico e administrativo da escola, alunos, funcionários e pais e mães e as médias das avaliações de português e matemática na Prova Brasil 2007 para a 8ª série.

Tabela 68 – Correlação entre atitudes preconceituosas dos públicos da escola e as avaliações médias das escolas para matemática e português na Prova Brasil 2007 (8ª série do ensino fundamental)

Atitude Preconceituosa – Público	Indicadores	Matemática	Português
Corpo Técnico e Administrativo	<i>Pearson</i>	-0,134	-0,139
	Significância	0,008	0,006
Funcionários	<i>Pearson</i>	-0,142	-0,136
	Significância	0,005	0,007
Alunos	<i>Pearson</i>	-0,290	-0,309
	Significância	0,000	0,000
Pais e Mães	<i>Pearson</i>	-0,195	-0,177
	Significância	0,000	0,000

Os resultados indicam que existem relações negativas entre o preconceito expresso pelas atitudes dos diversos atores escolares e as notas médias na avaliação da Prova Brasil nas escolas. A correlação negativa indica que em escolas em que os escores que medem o preconceito apresenta valores mais elevados tendem a apresentar médias menores para as avaliações na Prova Brasil. Nota-se ainda que esta relação é mais forte para o preconceito dos alunos, ou seja, em escolas em que os alunos apresentam maior preconceito, as avaliações tendem a ser menores.

A seguir são apresentados os resultados para as relações verificadas entre os valores médios nas escolas para a distância social mantida pelos atores escolares, em relação aos diversos grupos sociais pesquisados e as avaliações na Prova Brasil 2007.

Tabela 69 – Correlação entre distância social dos públicos da escola e as avaliações médias das escolas para matemática e português na Prova Brasil 2007 (8ª série do ensino fundamental)

Atitude Preconceituosa – Público	Indicadores	Matemática	Português
Corpo Técnico e Administrativo	<i>Pearson</i>	-0,042	-0,032
	Significância	0,409	0,533
Funcionários	<i>Pearson</i>	-0,020	-0,009
	Significância	0,689	0,865
Alunos	<i>Pearson</i>	0,229	0,226
	Significância	0,000	0,000
Pais e Mães	<i>Pearson</i>	-0,160	-0,141
	Significância	0,002	0,005

Os resultados indicam que não existem relações significantes entre a distância social verificada para funcionários e para o corpo técnico e administrativo da escola. Entretanto, nota-se que entre as escolas existe correlação positiva entre a distância social dos alunos em relação aos grupos sociais pesquisados e a avaliação na Prova Brasil. Assim como verificado nas análises descritivas apresentadas anteriormente, em escolas que os alunos apresentam maior distância social em relação aos grupos sociais da pesquisa, as médias verificadas na Prova Brasil tendem a ser um pouco maiores.

A seguir são apresentados os resultados para as relações verificadas entre os valores médios nas escolas para o conhecimento de situações em que alunos, professores e funcionários são vítimas de *bullying* e as avaliações na Prova Brasil 2007.

Tabela 70 – Correlação entre o conhecimento de situações de *bullying* na escola e as avaliações médias das escolas para matemática e português na Prova Brasil 2007 (8ª série do ensino fundamental)

<i>Bullying</i> – Vítimas	Indicadores	Matemática	Português
Alunos	<i>Pearson</i>	-0,101	-0,123
	Significância	0,046	0,015
Funcionários	<i>Pearson</i>	-0,244	-0,264
	Significância	0,000	0,000
Professores	<i>Pearson</i>	-0,244	-0,274
	Significância	0,000	0,000

Os resultados indicam que há correlações significativas entre o conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* e as médias para as avaliações na Prova Brasil nas escolas. Nota-se que essas correlações são negativas, ou seja, em escolas em que há um maior conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* as avaliações na prova Brasil tendem a ser menores.

Observa-se ainda que as correlações entre o *bullying* sofrido por professores e funcionários apresenta valores mais altos para o módulo do coeficiente de correlação com as avaliações. Isso indica que a intensidade no conhecimento de situações de *bullying* sofridos por funcionários e professores está mais relacionada com as avaliações médias nas escolas do que o *bullying* sofrido por alunos.

Adicionalmente às análises de diferenças de média e de correlações, foi utilizada também a técnica de regressão linear múltipla para avaliar a relação entre o ambiente escolar em termos de preconceito e distância social de seus atores e os resultados observados para a Prova Brasil 2007.

Os resultados observados indicam que variações positivas no conhecimento de práticas discriminatórias ofensivas contra professores e funcionários das escolas pesquisadas e na atitude preconceituosa dos alunos são os fatores que estão mais fortemente correlacionados com variações negativas no desempenho escolar dos alunos, medido por meio da Prova Brasil. Ou seja, escolas em que há maior conhecimento de práticas discriminatórias em que professores e funcionários são vítimas e naquelas onde os alunos apresentam maior nível de preconceito há a tendência de desempenho mais baixo na prova Brasil 2007.

É importante notar também que o poder explicativo de variações nos resultados obtidos pelas escolas na Prova Brasil por meio de variações nas atitudes, crenças e valores dos atores do ambiente escolar, da distância social que estão predispostos a manter em relação aos grupos sociais pesquisados e do conhecimento de situações de *bullying* em que alunos, professores e funcionários são vítimas pode ser considerado relevante (30%), especialmente em se tratando de estudos sociais dessa natureza.

Tabela 71 –Relação entre variações no Preconceito, na Distância Social e no Conhecimento de Situações de *Bullying* e a variação no Desempenho Observado na Prova Brasil 2007 ($R^2 = 30,1\%$)

Atitudes / Distância Social / <i>Bullying</i>	Beta Padronizado	Sig.
<i>Bullying</i> contra Professores	-0,303	0,000
<i>Bullying</i> contra Funcionários	-0,196	0,000
Atitudes Alunos	-0,195	0,000
Distância Social Pais	-0,160	0,000
Atitudes Pais	-0,115	0,000
Atitudes Professores	-0,102	0,000
Atitudes Funcionários	-0,073	0,000
Distância Social Professores	-0,020	0,000
Atitudes Diretores	0,006	0,067
Distância Social Diretores	0,058	0,000
Distância Social Funcionários	0,072	0,000
Distância Social Alunos	0,213	0,000
<i>Bullying</i> contra Alunos	0,394	0,000